

Programa de Formação do Movimento Nacional dos Catadores



JUNHO DE 2005

APRESENTAÇÃO

Esse material está dividido em 2 módulos complementares. O primeiro trata das diferentes fases da história da classe trabalhadora no Brasil e busca estabelecer uma relação com a trajetória dos catadores de materiais recicláveis. O segundo propõe a análise da cadeia produtiva, na qual os catadores se envolvem, e a discussão acerca dos objetivos e princípios do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR). Ao final, apresentamos algumas letras de músicas que podem ser utilizadas durante os encontros.

A intenção aqui é de oferecer elementos que suscitem a análise, a participação, a discussão e a comunicação em torno da luta, da resistência e dos projetos coletivos desses trabalhadores.

É importante ressaltar que esta é uma proposta inacabada que deve ser construída coletivamente, considerando os diferentes olhares e práticas vivenciadas pelos catadores e catadoras nas diversas regiões do país.

O primeiro módulo tem como objetivos:

Geral: Propiciar ao conjunto das lideranças do Movimento Nacional dos Catadores (MNCR), o reconhecimento da trajetória de vida de cada sujeito, integrando-a à história de luta da classe trabalhadora no Brasil.

Específicos:

- Propiciar a socialização da história de vida das lideranças que compõe o MNCR.
- Rer a história dos trabalhadores a partir dos mártires, tomando-os como símbolos da resistência da luta e das conquistas da classe trabalhadora.
- Motivar as lideranças a continuar o processo de luta da classe trabalhadora, a partir da participação efetiva no MNCR.

O segundo módulo tem como objetivos:

Geral: Propiciar ao conjunto das lideranças do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) uma compreensão ampliada do ciclo de trabalho, visando um aprofundamento em torno dos processos que envolvem a cadeia produtiva na qual se inserem os catadores de materiais recicláveis.

Específicos:

- Compreender o processo de trabalho dos catadores de materiais recicláveis em suas diferentes fases, propiciando consciência crítica sobre as formas de relações estabelecidas neste processo.
- Levantar, debater e consolidar os princípios que nortearão as ações do MNCR no Brasil
- Constituir espaços de debates para identificar as necessidades, estratégias e objetivos para construção do projeto político do MNCR.

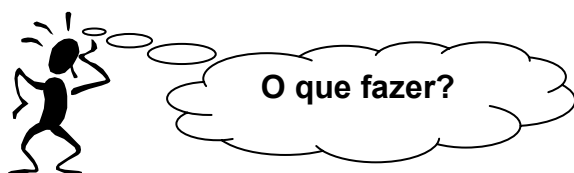
Equipe pedagógica

MÓDULO I

Memória Histórica

2. Atividades:

Etapa 1 - História de vida e do Brasil



Estimular cada participante a relembrar sua trajetória de vida, socializá-la com o grupo e identificar pontos em comuns entre a luta dos catadores e dos demais trabalhadores da história do Brasil.

Serão apresentados 5 (cinco) fases da história de luta e resistência da classe trabalhadora no Brasil, quais sejam:

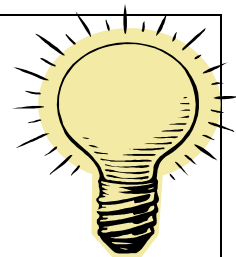
1. Colonização – Chegada dos Portugueses no Brasil e resistência indígena
2. Escravatura e Resistência negra
3. Migração e Luta Camponesa
4. Desenvolvimento Industrial e Resistência Operária
5. Golpe Militar e Luta contra a ditadura

Como fazer?

1º. Distribuir os participantes em pequenos grupos para que cada catador tenha a oportunidade de contar sua história/trajetória aos demais membros do grupo.

O quadro abaixo apresenta questões que podem nortear o relato da história.

- Qual o seu nome?
- Onde você nasceu?
- O que você sabe sobre seus antepassados (pais, avós)?
- Que lembranças você tem do seu tempo de criança?



- Se você mudou-se da sua terra natal, por quê?
- Você trabalha como catador há quanto tempo?
- Em que você trabalhava antes de tornar-se catador?
- Como se tornou catador?
- Você e/ou algum familiar já participou de alguma luta e/ou movimento popular?

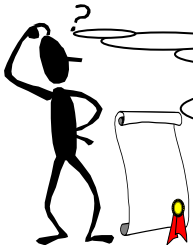
2º. Cada grupo deve identificar pontos comuns às histórias contadas, e registrar num papel para apresentação posterior no grande grupo.



“O que a minha história tem a ver com a do José, do João e da Maria?”

3º. Cada grupo fará a leitura e discussão de um dos 5 (cinco) períodos apresentados nos textos a seguir (a partir da página 5).

4º. Cada grupo deve identificar pontos comuns entre a história da classe trabalhadora no período apresentado e a história dos catadores.



O quê que essa história tem a ver com a nossa história?

5º. O grupo pode preparar uma apresentação do que foi discutido, para a plenária. Cartazes, teatro, música, palavras de ordem e outras formas criativas devem ser utilizados.

6º. Apresentação de todos os grupo na plenária.

FASES DA HISTÓRIA DO BRASIL

TEXTO 1 – COLONIZAÇÃO: INVASÃO PORTUGUESA E RESISTÊNCIA INDÍGENA

Para começo de conversa: Qual o significado da palavra colonização? “ato ou efeito de colonizar”; “transformar em colônia”; “habitar como colono”. E ser colono é ser cultivador explorador de terra que pertence a outro. Colonização pode ser então, entendido como um processo de invasão. E invadir é diferente de ocupar.

Em que época ocorreu a invasão portuguesa no Brasil?

No período denominado de expansão marítima europeia, entre os séculos quinze (XV) e dezesseis (XVI).

No final de abril do ano 1500, Pedro Álvares Cabral e toda sua expedição ancoraram seu navio no litoral sul da Bahia.

Os portugueses estavam em busca de metais preciosos para a cunhagem¹ de moedas, buscavam também produtos agrícolas e mão-de-obra para o trabalho escravo. Tinham ainda o desejo de fazer crescer a fé cristã como instrumento de dominação e a necessidade de conseguir novos mercados², uma vez que o sistema capitalista, na Europa estava em amplo processo de crescimento.

Mas, pode-se dizer que os portugueses descobriram o Brasil?

Para os povos indígenas, primeiros habitantes das terras brasileiras, a conquista das Américas, a chegada dos portugueses não foi o começo de sua história. “Eles chegaram a este continente há aproximadamente 40 mil anos”.

Portanto, nossa história começara muito antes, e agora ia sofrer mudanças profundas. Estranhamente o homem branco chegava, e a paz dos verdadeiros donos da terra estava ameaçada.

Vejamos:

¹ Imprimir, tornar visível, tornar saliente, notável (no caso acima citado significa fazer a moeda).

² Lugar onde se comercializam gêneros alimentícios e outras mercadorias.

Nas antigas terras brasileiras viviam mais de seis milhões de pessoas, que pertenciam a cerca de 900 povos diferentes. O processo de colonização, ensinamento da doutrina cristã e a escravização resultou no extermínio de centenas de povos e na destruição de uma imensa riqueza cultural.

Segundo informação do CIMI – Conselho Indigenista Missionário, *“atualmente, existem mais de 700 mil pessoas, pertencentes a cerca de 235 povos, falando 180 línguas. A maioria vive em seus territórios tradicionais, ainda com grande parte a ser demarcada e com alto índice de invasão. Há quantidade expressiva de indígenas morando em centros urbanos, povos ainda sem contato com a sociedade nacional e outros que hoje reassumem suas identidade até então ocultadas, chamados povos ressurgidos”*.

A invasão por interesse econômico é visível:

A chegada do português ao Brasil é apenas um episódio da expansão marítima européia , no momento em que estava sendo vivenciada a passagem ou transição do modo de produção denominado feudalismo³ para o modo de produção capitalista.

As comunidades indígenas sofrem grandes transformações em seus modos de vida, em seus hábitos, costumes e culturas com a introdução de machados e outros instrumentos de metal. Os indígenas recebiam esses objetos em troca do seu trabalho no corte e no transporte de madeira: é o *escambo*, ou seja, troca direta de mercadorias sem utilização da moeda. No litoral brasileiro, as pilhas de pau-brasil atestavam nossa nova e trágica realidade. Aquela matéria-prima alimentaria empresas manufactureiras⁴ européias. Explorando o trabalho do nativo, o invasor dava início a séculos de dependência.

E os indígenas, como resistiram a essa relação de exploração?

Vejamos um exemplo de resistência na recordação da história de uma grande liderança indígena:

³ Regime que une estreitamente autoridade e propriedade da terra, estabelecendo entre o trabalhador (servo) e o senhor feudal (dono da terra) uma relação de dependência.

⁴ Fábricas, estabelecimento industrial

Sepé Tiaraju – E a resistência indígena missioneira;



No ano de 1700, início da colonização do Brasil, na região Sul se construíram as Missões Jesuíticas. As Missões eram enormes construções feitas pelos padres jesuítas junto com os índios guaranis, que ali dentro viveram por mais de um século uma vida de comunidade, onde tudo era repartido e

todos trabalhavam pelo bem da coletividade.

Mas Portugal e Espanha queriam este pedaço de terra para eles. Não aceitavam que a terra fosse dos índios, queriam o Brasil para eles. Assim, resolveram expulsar as Missões para outro lugar, mais longe, e de difícil acesso, lá para as bandas do Uruguai.



Com a lança de
**SEPÉ
TIARAJU**



e a ~~fi~~ missioneira na
libertação de nosso povo!

Porém, os índios não aceitaram. Eram os verdadeiros donos desta terra. Por quê iriam sair, com o rabo entre as pernas, de seu lugar de nascimento? Resolveram pegar em armas para resistir aos exércitos dos imperialistas estrangeiros. Ficaram durante muitos dias fabricando armas e pensando em estratégias de batalha. Aí que se destaca o valente índio Sepé Tiaraju.

Sepé Tiaraju liderou os combatentes indígenas para resistir aos exércitos portugueses e espanhóis. Foi chamado a “negociar” com o chefe do exército, que tentou comprá-lo dando-lhe terras longe dali. Não aceitou, e com a cabeça sempre erguida, disse: “nossa

terra já tem dono, e ninguém vai tirar ela de nós.” **Era uma declaração de guerra.**

As missões resistiram mais de 3 anos à força das armas de fogo dos exércitos europeus. Sepé se revelou um grande estrategista, corajoso e inteligente. Bolou brilhantes emboscadas no meio do mato que deixavam os soldados perdidos e fáceis de render. Preparavam armadilhas inteligentes, como buracos disfarçados no chão e árvores com pontas que vinham do nada e matavam os soldados.

Porém, no dia 7 de fevereiro de 1756 Sepé morreu peleando no Arroio Caiboaté. Numa escaramuça, seu cavalo rodou e ele foi ferido pela lança de um soldado e antes que se levantasse foi morto com um tiro de pistola pelo governador de Montevideú que chefiava a tropa.

Esta terra ainda hoje tem dono: pertence ao povo. Ainda mandaremos os invasores e os que estão a seu serviço para longe daqui. Sepé Tiaraju é um símbolo da resistência popular à invasão dos gringos e do instinto de liberdade de um povo. Muitas lendas, trovas e canções missioneiras e nativistas falam dele, que para muitos virou santo, São Sepé. Diz a lenda que na testa de Sepé tinha um lunar que brilhava, e no dia de sua morte o lunar subiu ao céu e virou uma estrela, que até hoje guia os lutadores do povo em seu caminho para se libertar da opressão.

**COM LUTA E COM FÉ,
COM A LANÇA DE SEPÉ!!!**

TEXTO 2 – PROCESSO DE ESCRAVATURA E RESISTÊNCIA NEGRA

Para começo de conversa vamos pensar no significado da palavra ESCRAVIDÃO.

Estado ou condição de escravo, escravaria, cativo. Falta de liberdade; sujeição, dependência, submissão. *Escravatura*: regime social de sujeição do homem pelo homem e utilização de sua força, explorada para fins econômicos, como propriedade privada. Na condição de escravo, o homem ou a mulher é considerado objeto utilizado para o trabalho. Vive-se nessa condição com ausência total de qualquer espécie de direitos.

Entre finais do século dezesseis (XVI) e as últimas décadas do século (dezenove) XIX o escravo negro foi utilizado como mão-de-obra para a exploração econômica do Brasil.

Os portugueses chegaram em nossa terra alimentados pela esperança de encontrar aqui preciosidades como ouro, prata, coisa de metal e ferro. Contudo, Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Pedro Álvares Cabral, na carta que escreveu fazendo um relato sobre o encontro da nova terra informou ao Rei de Portugal que não era possível saber se aqui havia metais preciosos, contudo podia afirmar que a terra era graciosa que *“querendo aproveitar dar-se-á nela tudo por bem das águas que tem.”*

Em razão de imediatamente os colonizadores não terem encontrado ouro e prata no Brasil, a terra ficou praticamente abandonada durante 30 anos. Edificaram algumas feitorias ao longo da costa, exploraram o pau-brasil, madeira usada para a construção de navios. Com a utilização do trabalho escravo indígena, dessa mesma madeira se extraía uma tinta vermelha que servia para a tintura de tecidos. Nesse período foram construídos alguns engenhos.

O interesse econômico permanece em evidência.

Uma vez que os metais preciosos ainda não haviam sido encontrados a Coroa portuguesa decidiu produzir grandes quantidades de artigos tropicais que seriam comercializados no mercado europeu, vislumbrando assim, a possibilidade de alcançar altas taxas de lucro.

O produto escolhido foi a cana-de-açúcar. Para o cultivo da cana-de-açúcar render tornar atividade lucrativa para a Metrópole portuguesa era necessária a utilização de grandes extensões de terra ou latifúndios e o cultivo apenas desse produto.

Só o trabalho compulsório, ou escravo garantiria a existência do latifúndio e da monocultura. Uma vez que as terras eram abundantes e disponíveis, o trabalhador livre certamente não iria se submeter às duríssimas condições de trabalho nas plantações. Além disso ele poderia apropriar-se de um lote de terra, plantar o que bem entendesse e ter a sua própria produção.

Dessa forma, a adoção da mão-de-obra escrava negra nas grandes unidades produtoras de açúcar e nas plantações de cana tornou-se generalizada. O tráfico negreiro tornou-se intenso porque prometia alto nível de lucro para Portugal.

Nessa época Portugal era o único país que podia ir à África comprar negros por baixo preço – em geral, negros escravizados por tribos vencedoras de guerras – e revende-los com grande lucro para os proprietários de terra da colônia. Os traficantes portugueses convenceram-se de que o negro era melhor trabalhador do que os índios. Intensificava-se dessa maneira o preconceito contra os indígenas e reforçava a prática da exploração e da desumanização do negro.

Homens e mulheres trabalhavam na plantação de cana, nas mondaduras, isto é, limpando os canaviais livrando-os das ervas daninhas, na colheita, no transporte da cana dos canaviais às moendas, nas fomalhas e nas caldeiras.

De acordo com a historiadora Carla Anastásia,

“no tempo da safra, os oito ou nove meses em que a cana era cortada e moída e o açúcar fabricado, os escravos trabalhavam praticamente de sol a sol. O trabalho no engenho era ininterrupto. Alguns escravos serviam exclusivamente ao setor fabril do engenho. Outros, de dia, cuidavam das suas tarefas nos canaviais; à noite, nas moendas. A moenda

funcionava dezoito a vinte horas pro dia, interrompendo seu funcionamento apenas para limpeza do maquinário. Era nesse curto espaço de tempo que os escravos descansavam. Também, homens e mulheres serviam seus senhores em suas casas, na criação do gado e em todas as atividades em que fossem necessários”.

E os negros como resistiram à tamanha forma de exploração?

Durante todo o tempo em que foram escravizados eles lutaram pela sua liberdade das mais variadas formas. “Revoltas, fugas, suicídios, assassinatos dos seus senhores, feitiçaria, capoeira foram estratégias freqüentes de resistência dos negros no dia-a-dia do seu cativeiro.”(ANASTASIA).

As mais importantes táticas de resistência dos negros podem ser percebidas na organização dos quilombos e nas insurreições⁵ escravas.

O que eram os quilombos?

De acordo com a autora acima citada, eram comunidades organizadas por negros fugidos, também chamados quilombolas. Quase sempre essas comunidades acolhiam também desertores do serviço militar, pessoas tidas como criminosas, índios e mulatos. Os quilombos relacionavam-se com comerciantes brancos e com bandos de salteadores⁶, que viviam nas estradas e caminhos do território colonial. A sobrevivência nos quilombos era garantida pela prática da agricultura, da caça e da coleta⁷. “Mas os quilombos também conseguiam sua sobrevivência por meio de assaltos, furtos, seqüestros de escravos e ataques e pilhagens às propriedades dos brancos.

Era grande o número de habitantes dos quilombos!

O Quilombo de Palmares situado no atual estado de Alagoas é o mais conhecido da História do Brasil. Neste quilombo viveram mais de 20 mil habitantes. Os quilombos de Campo Grande e o do Ambrósio em Minas Gerais, tinham cerca de 10 mil habitantes cada um.

⁵ Rebelião, revolta, sublevação, oposição violenta ou veemente.

⁶ Aquele que salteia, tido como ladrão de estrada, ataca de repente.

⁷ Colher, recolher.

Vamos recordar a história de uma grande liderança, símbolo da luta, da resistência e da vida no Quilombo de Palmares.

ZUMBI DOS PALMARES – escravatura e resistência negra.

Na época da escravidão no Brasil, os negros encontraram uma forma de se organizarem, viver e ainda resistir e lutar contra o poder dos brancos, através dos Quilombos.

Os Quilombos eram lugares afastados, no meio do mato, onde para se chegar era preciso conhecer bem o caminho. Eram como grandes aldeias, onde os negros plantavam, criavam animais, discutiam, exerciam sua religião e sua cultura, organizavam suas lutas e criavam seus filhos livres do chicote dos brancos ricos donos de terra. Mas não eram só negros que fugiam para os Quilombos, não! Escravos brancos e também índios encontravam nos Quilombos um lugar para viver e lutar, lado a lado com os seus irmãos, os negros.

O Quilombo mais forte e mais famoso de nossa história foi o Quilombo dos Palmares. Localizado onde hoje é Pernambuco, era tão bem organizado e tão forte, que ali vivia dignamente 15% da população do Brasil da época, ou seja, vinte mil habitantes. Trabalhavam a valer, plantavam de tudo: cana-de-açúcar, milho, feijão, mandioca, batata e legumes. Fabricavam manteiga e vinho; criavam galinhas e porcos, e ainda trabalhavam com metal (metalurgia). Fabricavam armas para lutar contra os ataques do Império. Não dependiam de ninguém.

Por serem bem organizados, conseguiram ser totalmente independentes do Reino, os Quilombos eram como Repúblicas Livres, comunas, que tinham suas próprias leis, onde ninguém era explorado e nem explorador: todos eram iguais, e trabalhavam juntos por uma vida digna e livre. Trocavam seus produtos com as vilas e aldeias vizinhas, e a população pobre dos arredores toda apoiava a causa dos quilombolas.



Zumbi nasceu no Quilombo dos Palmares, mas ainda criança foi capturado por soldados e criado por um padre, com quem aprendeu português e latim; foi batizado e chegou a coroinha. Porém, aos 15 anos, foge de volta para o seu querido Quilombo, onde tornou-se um grande e respeitado líder, pois não passou para o lado dos brancos. Muito corajoso, respeitado por todos e com alta capacidade de organização, era uma grande inspiração para todos os combatentes do Quilombo.

Porém, as elites da época não estavam gostando nem um pouco do crescimento do Quilombo dos Palmares. Claro, os negros, brancos e índios que ali viviam estavam mostrando na prática que o povo pode se organizar sozinho, sem a elite para sugar seu sangue. Assim, durante toda a existência de Palmares, os poderosos mandaram 66 expedições militares para tentar acabar com o Quilombo, e as 66 falharam. Palmares era mais forte, e durou 105 anos, de 1590 a 1695. Só foram derrotados quando as elites mandaram uma expedição enorme, que juntou soldados de todo o país e também do estrangeiro, com armas muito pesadas. Só então Palmares caiu.

Mas Zumbi não quis morrer na mão de branco nenhum. Tinha um ideal, e por ele iria morrer. Assim, na última batalha, lutou corajosamente, como sempre. Quando viu que não tinha mais jeito de vencer, e viu todo Palmares no chão, subiu para o alto do morro e de lá se jogou, porque não queria morrer na mão dos soldados do Império. A morte de Zumbi foi em 20 de novembro de 1695.

Esta história serve de inspiração para a luta dos negros pobres de hoje. Estes negros, brancos e índios que se uniram e formaram os Quilombos, e por 100 anos criaram seus filhos e viveram com dignidade, sem depender de ninguém. São exemplos para nós. Com luta e organização, podemos também viver livre. Viva Zumbi! Viva Palmares!

**ZUMBI DOS PALMARES,
PRESENTE DE NOVO,
NA LUTA DO POVO!!!**

TEXTO 3 – IMIGRAÇÃO E RESISTÊNCIA CAMPONESA

Para começo de conversa: é bom esclarecer que a palavra IMIGRAÇÃO significa entrar num país estranho. O imigrante é, portanto, aquela pessoa que buscou outro país para nele viver.

A imigração estrangeira compõe o cenário da História de nosso País, sobretudo a partir de meados do século XIX (dezenove) . Exatamente na época em que a sociedade nacional começa a fazer o caminho para entrar nos rumos direcionados pelo sistema capitalista. É o período que o Brasil vivência com muita intensidade a crise do regime escravista.

Em 1850, após muitas pressões, o tráfico negreiro para o Brasil foi abolido com a Lei Eusébio de Queirós.

A economia nacional estava sendo toda montada no sentido de produzir mercadorias para garantir alto nível de lucro.

O regime escravista já não atendia mais às exigências do mundo do trabalho em fase de modernização, de transformação . Também é preciso considerar que a organização dos quilombos ganharam consistência, força. Iam se formando como sociedade livre, independente, autônoma, um modelo de oposição à sociedade dominada pela ânsia do poderio político, pela riqueza e por práticas egoístas e individualistas. O quilombo era a sociedade que os negros sonharam, porque era a sua sociedade, a sua forma de organização. Por essas razões, o escravo se transformava em trabalhador livre.

Na condição de livre o trabalhador se transforma em meio de produção assalariado, isto é, passa a vender sua força de trabalho ao capitalista. E, continua sendo explorado, cada vez mais empobrecido enriquecendo o dono do capital. O trabalhador livre tem como única propriedade sua força de trabalho. Essa ele vende ao capitalista por um salário que não lhe garante os direitos básicos de sobrevivência. Em outras palavras, a mão-de-obra

transforma-se em força de trabalho para produzir lucro, o que garante o enriquecimento dos proprietários das terras, das máquinas, das ferramentas de trabalho, das fábricas, do resultado da produção.

As fazendas de café cresciam em ritmo acelerado! O café era a cultura mais importante do País.

Os trabalhadores nascido no Brasil, em grande parte, estavam dispersos nos campos trabalhando para uma economia de subsistência, ou seja, produziam o mínimo para o consumo familiar. Essa forma de trabalho não atendia aos interesses do mercado capitalista uma vez que esse mercado visa a alta produtividade.

No sudeste do Brasil essas plantações cresciam e ia se tornando cada vez mais necessária a utilização da mão-de-obra imigrante, isto é, vinda de estrangeiros para trabalharem nas fazendas.

“Os estrangeiros eram homens e mulheres pobres dos países europeus menos desenvolvidos, que enfrentavam graves problemas na época, acreditavam que poderiam se enriquecer na América e, por isso, estavam dispostos a trabalhar no Brasil”. (ANASTASIA)

O temor do governo imperial era de que os imigrantes se apropriassem da terra livre que existia. Para impedir que isso acontecesse, decretou, em 1850 a chamada lei de terras.

“Por esta lei, a terra passou a ter valor. Não seria mais doada como as sesmarias⁸. As terras passaram a ser particulares, aquelas que já pertenciam aos grandes proprietários e devolutas. As terras devolutas eram todas as terras sem dono que passaram a ser, em 1850, terras públicas, isto é, terras do Estado. A partir de 1850, quem não possuísse terra, para te-la, teria de compra-la”. (ANASTASIA).

⁸ Terras que não eram cultivadas e estavam abandonadas que os reis de Portugal cediam a sesmeiros, ou seja pessoa que se dispunha a cultivar a terra.

Entre 1850 e 1950 entraram no Brasil 5 milhões de estrangeiros. Número que não se compara aos africanos que vieram trabalhar como escravos em nosso país entre **1550 e 1850** – 40 milhões de pessoas.

A dívida social do Brasil com esses homens e mulheres é muito grande!

Esse povo, trabalhador camponês não produziu apenas lucro e riqueza para os grandes latifundiários, proprietários das fazendas de café. No seio desse povo Sem Terra foi gestado também, símbolo de resistência e de luta por cidadania e direitos.

Vamos lembrar a história de uma mulher-símbolo da resistência camponesa: ROSELI NUNES!

Roseli Nunes – e a luta camponesa

Roseli foi uma lutadora que fundou o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, participando da ocupação da fazenda ANONI, grande latifúndio improdutivo que proporcionou, depois de sua conquista, trabalho e moradia para centenas de pessoas, e é hoje em dia um grande exemplo que mostra que quando a terra é bem utilizada por quem realmente trabalha muitos podem viver dela.

Rose, como era chamada, era descendente de índios e colonos, cresceu no trabalho com a terra e participava junto com seu marido e filhos, pois sabia que seu futuro e o de seus filhos dependia da conquista de um pedaço de chão para trabalhar, ou então teria que viver como indigente na cidade.

Durante o período da luta pelas terras da ANONI, após anos vivendo de baixo de barracos de lona preta, marchando do interior até a capital, após passar meses acampados na assembleia legislativa para pressionar os políticos a liberar a desapropriação das terras, sofrendo muita pressão por parte da polícia e dos fazendeiros latifundiários que os ameaçavam de morte, Roseli declara que prefere morrer lutando do que morrer de fome.



Rose teve a primeira criança nascida no acampamento, que foi batizado com o nome de Tiarajú, em homenagem ao índio Guerreiro Sepé Tiarajú que lutou pela libertação do povo contra o império de Espanha e Portugal. Roseli Nunes foi assassinada no dia 31 de março de 1987 atropelada por um caminhão que se lançou contra a marcha dos Sem Terra, deixando vários feridos e seu corpo a beira da estrada. Rose hoje é um símbolo para a luta de todos os Sem terra e para o povo do Brasil.

**Roseli, Sem Terra, lembramos o teu nome,
Preferiu morrer lutando, do que morrer de fome!!!**

TEXTO 4 – DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL E RESISTÊNCIA OPERÁRIA

Quando falamos de desenvolvimento industrial, necessariamente nosso olhar se dirige para as cidades.

Durante a segunda metade do século dezenove (XIX), a sociedade brasileira passou por mudanças fundamentais. Nesse período aconteceu a substituição do trabalho escravo pelo trabalho assalariado. As fazendas de café deixaram de produzir os gêneros necessários para o consumo próprio, constituindo-se, assim, os primeiros mercados internos. As cidades cresceram, e nelas as primeiras indústrias se instalaram.

Entre 1850 e 1860 foram inauguradas no Brasil 70 fábricas que produziam chapéus, sabão, tecidos de algodão e cerveja, artigos que até então vinham de outros países.

“Essas primeiras fábricas já apresentavam um aspecto diferente das antigas oficinas artesanais: utilizavam motor hidráulico ou a vapor, e o trabalho era organizado por mestres e contramestres vindos da Europa. Além disso, foram fundados 14 bancos, 3 Caixas Econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 companhias de seguro, 8 estradas de ferro; empresas de mineração, transporte urbano, gás etc”(ALENCAR & CARPI, 1979:159)

Símbolos da modernização e do avanço do sistema capitalista que domina o mundo!

Crescia o grau de importância dos núcleos urbanos que vinham se desenvolvendo a mais tempo.

A cidade do Rio de Janeiro refletia toda essa modernização. Lá já tinha iluminação a gás e água encanada. Aos poucos as carruagens iam se tornando peças de museu para darem lugar aos bondes puxados a burro que circulavam de Botafogo à tijuca, e depois chegaram os bondes elétricos.

“Os barões do café” erguiam suas chácaras nos bairros mais imponentes, mais chics bem próximo dos teatros e dos bailes da Corte. A cidade ia tornando-se cada vez mais iluminada, ganhando cores, formas brilho e beleza. Construía-se hotéis, jardins, multiplicavam-se os cafés onde os ricos-famosos-poderosos se encontravam.

Entretanto, o brilho da modernidade não escondia seus ares sombrios. *“Os que chegavam em busca de emprego nas fábricas iam morar nos bairros pobres, onde proliferavam os cortiços”*(ALENCAR & CARPI, 1979:159).

Nos primeiros anos após a proclamação da República no Brasil, em 1889, nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais já começavam a se desenvolver indústrias.

As fábricas eram simples. O país não dispunha de tecnologia avançada para instalar empresas mais sofisticadas. Também os brasileiros não tinham renda suficiente para consumir os produtos mais caros.

Os operários das fábricas eram imigrantes (vindos de outros países) ou migrantes que se deslocavam das zonas rurais do Brasil à procura de melhor maneira de “ganhar a vida”.

Os operários imigrantes vinham da Europa, sobretudo da Itália e da Espanha. A maioria sabia ler e escrever e tinham habilidade para lidar com os equipamentos nas fábricas. Além disso, eram politizados, isto é, tinham grande consciência política. Em seus países estavam acostumados a lutar contra a exploração dos patrões. Dessa maneira contribuíram enormemente para a formação política da classe operária no Brasil.

“Os operários que lutaram contra a exploração de seu trabalho pelos patrões e contra as péssimas condições de vida que enfrentavam nas primeiras décadas da República ficaram conhecidos como anarco-sindicalistas ou sindicalistas revolucionários”(ANASTASIA).

Os anos de 1889 a 1930 é conhecido como período da República Velha – durante esses anos, não havia regulamentação da jornada de trabalho. As pessoas trabalhavam

15,16 e até 19 horas. Sem direito a férias, **os trabalhadores entre esses, mulheres e até crianças**, muitas imigrantes trabalhavam nas indústrias de fiação e tecelagem. Outras trabalhavam como costureiras completando dessa forma, a renda doméstica. Em casa, chegavam a trabalhar até 18 horas por dia, confeccionando chapéus e alfaiatarias para as fábricas. Nas fábricas, a jornada de trabalho das operárias variava entre 10 e 14 horas diárias.

“Com o avanço da industrialização, as mulheres perdem os seus lugares nas empresas. Se em 1872 as mulheres eram 76% da força de trabalho nas fábricas, em 1950 tornam-se apenas 23%. Mas, durante todo esse período, as mulheres receberam salários mais baixos do que os dos homens, sofreram intimidação física, assédio sexual”(ANASTASIA).

A ação do Estado junto aos trabalhadores era no sentido de reprimir violentamente suas manifestações e greves operárias. Não havia leis que protegessem os trabalhadores. O controle às manifestações de indignação e de luta dos trabalhadores era feito através do aparato policial.

Mas, nem por isso os operários se calaram. Eles também marcaram e continuam marcando presença nas vias duras do mundo urbano assinalando com testemunhos de resistência sua esperança. Continuam cultivando o sonho e a utopia de ocupar, seu espaço-cidadão.

Entre eles, também foi gerado símbolo de sua luta.

ESPERTIRINA MARTINS!

ESPERTIRINA MARTINS e a resistência operária

As condições de trabalho no início do século passado eram as piores possíveis. As fábricas não tinham janelas, os trabalhadores trabalhavam mais de 14 horas por dia, em 6 dias da semana, os salários eram miseráveis. Aconteciam muitos acidentes de trabalho, mas não havia indenização. Não existia o direito à aposentadoria. Grande parte da força de trabalho era constituída por crianças de cinco ou menos anos de idade. As crianças eram freqüentemente espancadas por seus “patrões”. Em 1920, metade dos trabalhadores das fábricas de tecidos do país eram mulheres e crianças com menos de 14 anos de idade. Grande parte dos trabalhadores eram imigrantes vindos da Europa, em especial da Itália.

O ano de 1917 foi tomado por grandes greves em todo o país. A vida estava cara demais, a fome era grande mesmo entre os que trabalhavam, as condições de trabalho eram péssimas, e a exploração do trabalho infantil e feminino começaram a revoltar os operários.

Os operários, organizados em seus sindicatos, fizeram então uma pauta de reivindicações para lutar até conquistar seus direitos. Nela, exigiam: medidas para diminuição dos preços dos alimentos e artigos de primeira necessidade, da água, aluguel e bondes; aumento dos salários, jornada de 8 horas de trabalho e de 6 horas para mulheres, e proibição do trabalho infantil.



Espertirina Martins

No ano de 1917 a vida urbana foi completamente alterada. Participaram da greve pedreiros, padeiros, trapicheiros e estivadores, trabalhadores da Cia Força e Luz, operários das fábricas de tecidos, carroceiros, caixeiros, choferes, tipógrafos, entre outros. Começava a Guerra dos Braços Cruzados, que levou este nome por ter sido realmente uma guerra do povo contra as elites para conquistar seus direitos. Ocorriam piquetes, manifestações, apedrejamentos, barricadas, motins e ocupações de fábricas todos os dias.

Nesta luta toda, em Porto Alegre a brigada matou um operário. Os operários, em greve, organizam então o enterro do colega assassinado, que era também um protesto por sua morte. Milhares de operários, homens, mulheres e crianças acompanharam o enterro em procissão pela Avenida. Na frente estava Espertirina Martins carregando um buquê de flores. Ao lado contrário da avenida, vinha a carga de cavalaria da Brigada Militar para reprimir a procissão dos operários. Quando os dois grupos se encontraram, Espertirina com seu buquê de flores se aproximou dos brigadianos, que estavam prontos para atacar, e jogou seu buquê no meio dos brigadianos. O buquê explodiu, matando metade da tropa e assustando os cavalos. Começou então uma verdadeira batalha campal, que graças ao preparo dos operários, saíram em vantagem.

Espertirina Martins (1902-1942) pertencia a uma família de militantes anarquistas, lutadores, que tiveram muita importância nas lutas operárias daquela época. Graças a toda a batalha, foram conquistadas as 8 horas de trabalho, o fim do trabalho infantil, a aposentadoria, a licença-maternidade, o direito à assistência médica e a indenização no caso de acidente de trabalho.

**ESPERTIRINA MARTINS, TRABALHADORA e GUERREIRA,
DEFENDEU COM DINAMITE A LUTA DA CLASSE OBREIRA!!**

TEXTO 5 – GOLPE MILITAR E LUTA CONTRA A DITADURA

Ditadura militar, estudantes & guerrilheiros

Os anos 60 entraram no Brasil pela porta dos fundos, com “a potência emergente” inaugurando sua nova capital no meio do cerrado. A obra foi feita com o cimento transportado de avião, e por coerência política da classe dominante, se esqueceram dos candangos que construíram a cidade. Com a acirrada disputa entre o populismo e a direita golpista, nem o império yankee nem as elites brasileiras quiseram arriscar algumas reformas estruturais. Optaram pelo golpe militar - implantando um regime de endurecimento gradual. Sindicatos e movimento estudantil foram logo proibidos. Num primeiro momento, quem podia causar problemas - as bases populares organizadas - foram reprimidas e extintas, até isolarem o partido da classe média e todos os seus futuros rachas.

Cheios de boa vontade, mas sem nenhuma inraizamento social, os estudantes secundaristas e universitários chamaram para si a responsabilidade de levar as bandeiras das lutas sociais dos brasileiros. Dos segmentos sociais mobilizados no início da década de 60 (soldados, religiosos, profissionais liberais, intelectuais, artistas, camponeses e estudantes) - a não ser em alguns raros momentos como as greves de Osasco -, depois do golpe foram apenas os estudantes que encararam a luta.

O inimigo necessitava de um regime forte para crescer o bolo do produto interno bruto e nunca jamais dividi-lo. Também para fazer obras faraônicas (exs: ponte Rio-Niterói, Transamazônica, dezenas de BRs, super-hidrelétricas como Carajás, Tucuruí, Itaipú e outras mais, usinas nucleares, etc.), montar a indústria bélica nacional (houve um tempo que “o país do futuro” era o quinto maior exportador de armas do mundo), criar estatais para infra-estrutura e subsídio da produção industrial privada, redes de televisão, contrair empréstimos aumentando a dívida externa, inchar as cidades expulsando gente do campo com novas monoculturas plantadas a base de agrotóxicos (como a soja, a laranja e a cana de açúcar do proálcool) - entre 1960 e 1980, 30 milhões de brasileiros saíram do campo para as cidades -, aumentar as favelas, destruir o meio ambiente (com o Inbra tocando gente feito gado para o norte) e acabar com a rede do ensino público. Ainda tiveram o cinismo de chamar a tudo isso de “milagre econômico” (obs: para eles, a nossa desgraça é sua cura milagrosa). Também necessitavam de um regime forte e de terrorismo de estado para garantir o Brasil na geo-política do continente, porque “para

onde vai o Brasil vai a América Latina“, e como os trabalhadores brasileiros não saíram do lugar, os hermanos latino-americanos brigaram e brigaram e não foram para canto algum. Era fundamental que a 8ª economia do mundo fosse a pioneira da América Latina na doutrina de segurança nacional e nos órgãos de repressão especializados (os mesmos que continuam hoje: o DOPS e a criação da Polícia Federal, o antigo DOI-CODI, a OBAN, institucionalização das Polícias-Militares com suas forças de choque e as de inteligência/P2, a criação do Serviço Nacional de Informações - ex-SNI hoje Secretaria de Assuntos Estratégicos/SAE -, o DIPI(Departamento de imprensa e propaganda que controlava as manifestações culturais), os serviços de inteligência do Exército/CIE, da Marinha/CENIMAR, da Aeronáutica/CISA, as tropas especializadas em contra-insurgência - como os páraquedistas e fuzileiros, a militarização dos bombeiros, a institucionalização das super-corruptas Polícias Cíveis e as mais recentes Guardas Municipais). Partiram militares brasileiros para aprender técnicas de tortura com os gringos e depois ensinar aos gorilas dos países vizinhos. A mando das elites e do capital internacional, o regime pagou o preço de torturar os filhos da classe média para poder massacrar o povo com mais miséria e o genocídio institucional - re-iniciado sistematicamente após desbaratarem os grupos guerrilheiros. O mesmo extermínio em massa vivido hoje. Mas, uma vez mais nem todos se calaram. Prestamos nossa homenagem e respeito aos companheiros de outras organizações que enfrentaram aos milicos sanguinários nas guerrilhas urbanas e rurais, em especial no Rio, São Paulo e no Araguaia. Perdendo ou ganhando, com a tática errada ou não, tombaram de pé escrevendo com o sangue generoso dos que oferecem suas vidas, outra parte da história da libertação dos oprimidos brasileiros. Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras., queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

VAMOS RECORDAR A HISTORIA DE UM LUTADOR DO POVO NESTA ÉPOCA – CARLOS MARIGHELLA.



Marighella e a luta contra a ditadura

Carlos Marighella, assassinado há 30 anos, foi quem melhor encarnou a resistência libertária contra a ditadura militar que governou o Brasil durante 21 anos (1964-1985). Há quem prefira silenciá-lo para não sentir-se questionado pelo que ele significa de firmeza de convicções e, sobretudo, idealismo centrado no direito de todos os brasileiros à dignidade e à justiça. **Acatamos a sugestão de Che: "Seja modesto, queira o impossível".**

Marighella situa-se entre aqueles que, com seu sangue, escreveram as mais importantes páginas da história do Brasil: Zumbi, Sepé Tiaraju, Felipe dos Santos, Tiradentes, Cipriano Barata, Frei Caneca, Bento Gonçalves, Angelim, Antônio Conselheiro, o "monge" João Maria, Luiz Carlos Prestes, Francisco Julião e tantos outros. São nomes que ainda não saíram das sombras a que a elite insiste em retirar da nossa história. Em nossas escolas, e nos raros programas televisivos que se referem à história do Brasil, poucos conhecem do significado de termos como Palmares, Cabanagem, Canudos, Contestado, Farrapos, Praieira, Confederação do Equador, Coluna Prestes.

Filho de imigrantes italianos, Marighella encontrou no ideal socialista o esteio que lhe forjou o vigor combatente. Não se deixou cooptar por aqueles que, após a ditadura Vargas, buscaram um pacto político que não incluía os direitos econômicos das classes populares. Marighella não ambicionava o poder, mas o Brasil soberano, livre da submissão ao capital estrangeiro, e contra a opressão e exploração do povo.

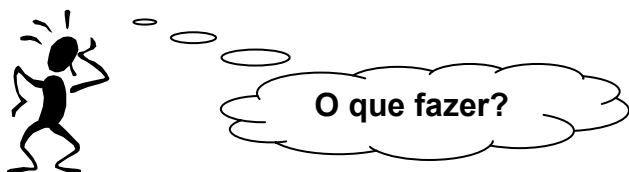
Por fidelidade a suas origens operárias, rompeu com a burocracia do PCB (Partido Comunista Brasileiro) para aderir a ação direta armada. Estava cansado de documentos e palavras, quando o momento exigia, como ainda hoje, mudanças radicais na estrutura de dominação social brasileira. Queria uma revolução. Escreveu o manual do guerrilheiro urbano, e junto com seus companheiros construíram uma das mais fortes experiências de organização guerrilheira do povo brasileiro. Porém, desde os anos 30, a elite brasileira repete com insistência: "Façamos a revolução antes que o povo a faça". É o que se vê nesses supostos projetos contra a pobreza apadrinhados pelos governos, empresários e seus partidos, em véspera de eleições, por estes que são os responsáveis pela escandalosa desigualdade social reinante no Brasil. Deixou a mensagem de que uma nação ou uma pessoa que se envergonha de sua própria história corre o risco de perder raízes e identidade, igual colonizado que louva o colonizador e procura imitá-lo. A vida de Marighella foi um gesto de doação. Trinta anos depois de morto, pela repressão policial-militar ele prossegue desafiando a generosidade dos vivos, e apontando, para o nosso país, um caminho de futuro, onde todos tenham saúde, educação, trabalho e moradia e liberdade com igualdade. É o que basta.

CARLOS MARIGHELLA, VOCE MORREU PRIMEIRO, MAS NÓS TAMOS NA LUTA PELO POVO BRASILEIRO !!!

MÓDULO II

Ciclo da Cadeia Produtiva de Materiais Recicláveis

Atividade:



Estimular cada participante a expor para o grupo, a compreensão de sua prática sobre o trabalho de catação.

Como fazer?

1º. Distribuir os participantes em pequenos grupos (10 a 15). Cada grupo deverá ter um membro capacitado para coordenar as discussões.

2º. Montar, de forma participativa, o ciclo da cadeia produtiva dos catadores, a partir da realidade de cada membro do grupo.

As questões abaixo podem nortear a montagem do ciclo.



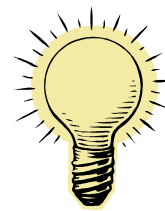
- Como começa o seu processo de trabalho?
- De onde vem o material que você trabalha?
- O que acontece depois?

Veja um exemplo na página 27 – Ciclo de trabalho dos Catadores (na cartilha de formação na pg. (49 à 52).

3º. Fazer uma análise crítica em torno do papel e da responsabilidade da fonte geradora dos materiais recicláveis na cadeia produtiva.

4º. Discutir com o grupo, os papéis desempenhados em cada etapa da cadeia produtiva.

As questões abaixo podem nortear a discussão:



- Até onde vai a ação dos catadores nessa cadeia produtiva?
- Quanto ganha cada ator que compõe essa cadeia?
- Quais são os resultados obtidos pelos catadores nesse processo?
(Identificar resultados financeiros, sociais e outros)

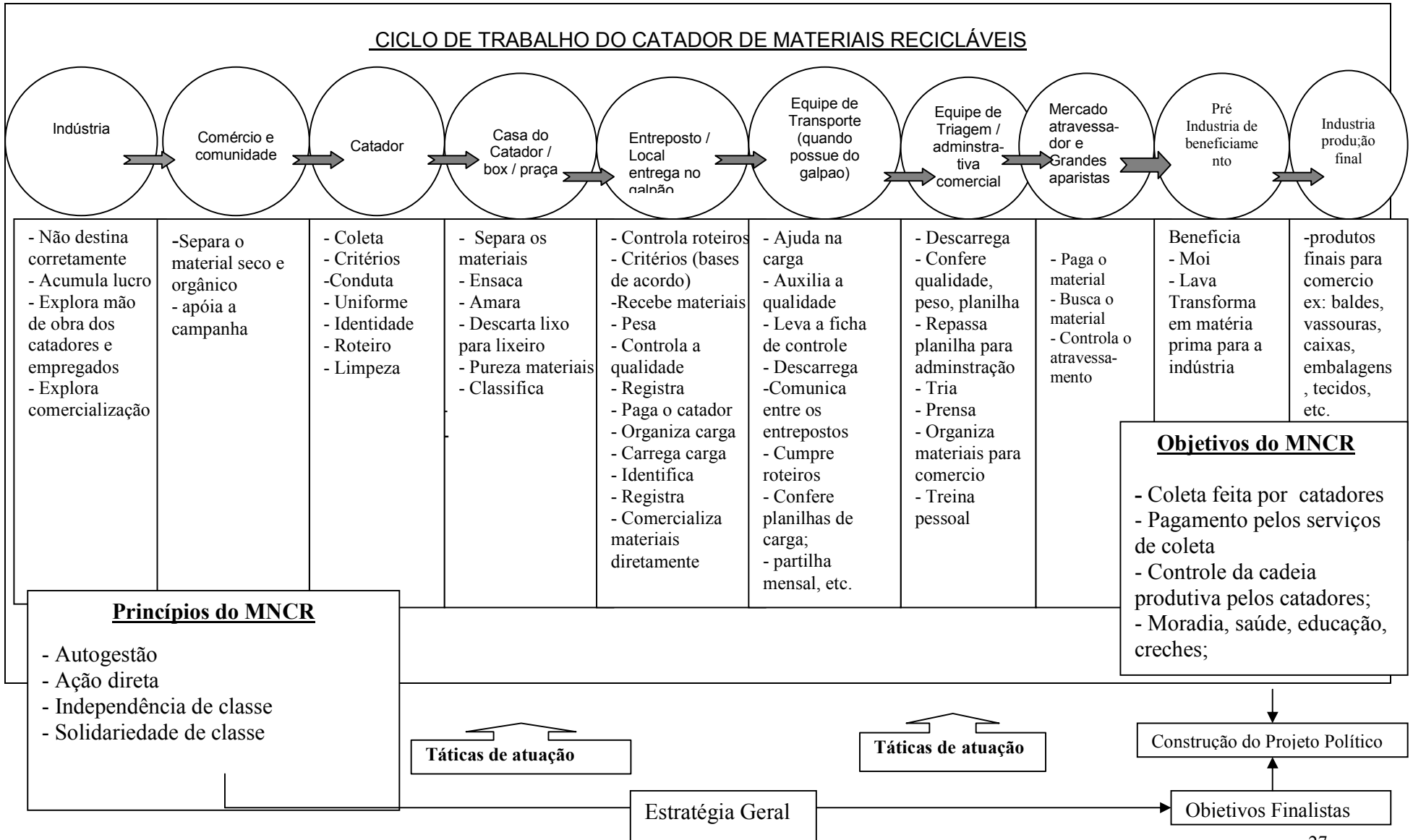
5º. Ler e discutir a Carta de Princípios do MNCR. (página 28 na cartilha pg.06 à 16)

6º. Discutir com o grupo os objetivos do MNCR (na cartilha pg.53)



- O que queremos enquanto catadores organizados no MNCR?
- Nós vamos conseguir isso através dos princípios da sociedade atual?
- Quais são os princípios da sociedade capitalista atual?
- Quais são os princípios que devemos carregar para conquistar o que queremos?

Programa de Formação do Movimento Nacional dos Catadores
Anexo Módulo II



PRINCÍPIOS E OBJETIVOS DO MNCR

ARTIGO 1º - O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis - MNCR, trabalha pela 'auto gestão e organização'¹ dos catadores através da constituição de Bases Orgânicas, em que a 'participação' de todos os(AS) catadores(AS) que querem ajudar a construir a luta de seus direitos, seja um direito internamente garantido, mas também um dever do catador com a Base Orgânica, com um critério de democracia direta² em que todos tem voz e voto nas decisões, conforme critérios constituídos nas bases de acordo;

ARTIGO 2º - O MNCR tem na 'ação direta popular'³, bem como outras formas de mobilização, um princípio e método de trabalho, que rompe com a apatia, a indiferença e a acomodação de muitos companheiros(as), que parta desde a construção inicial dos galpões e sua manutenção, não esperando que caia tudo pronto do céu, e até as mobilizações nas grandes lutas contra a privatização do saneamento básico e do lixo, contribuindo para a preservação da natureza, mas também lutando pelo devido reconhecimento e valorização da profissão dos catadores ;

ARTIGO 3º - O MNCR busca garantir a 'independência de classe'⁴ em relação aos partidos políticos, governos e empresários, mas também lutando pela gestão integrada dos resíduos sólidos com participação ativa dos catadores organizados, desde a execução da coleta seletiva com catadores de rua, até a triagem e o beneficiamento final dos materiais, buscando tecnologias viáveis que garanta o controle da cadeia produtiva, firmando com os poderes públicos contratos que nos garantam o repasse financeiro pelo serviço prestado a sociedade, e cobrando das empresas privadas, produtora industrial dos resíduos o devido pagamento pela nossa contribuição na reciclagem.

ARTIGO 4º - No MNCR, ao contrário do individualismo e da competição, buscamos o 'apoio mútuo'⁵ entre os companheiros(as) catadores(as) , e praticando no dia a dia das lutas a 'Solidariedade de Classe'⁶ com os outros movimentos sociais, sindicatos e entidades, brasileiras e de outros países. E desta forma ir conquistando "o direito à cidade", local para trabalho e moradia digna para todos, educação, saúde, alimentação, transporte e lazer, o fim dos lixões e sua transformação em aterros sanitários, mas com a transferência dos catadores para galpões com estruturas dignas, com coleta seletiva que garanta a sustentação de "todas as famílias", com creches e escolas para as crianças.

Em seguida são apresentados acordos relativos à organização das Bases Orgânicas do MNCR:

III – BASES DE ACORDO DO MNCR

1- COM RELAÇÃO À CATEGORIA:

- 1.1- Assumir o trabalho e o nome da categoria de Catador de Materiais Recicláveis como profissão.
- 1.2- Ter conhecimento da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), que reconhece e descreve a atuação do Catador de Materiais Recicláveis no mercado de trabalho.
- 1.3- Ser um profissional Catador(a) da Material Reciclável organizado em uma Cooperativa, Associação, Entreposto ou Grupo que seja auto gestor e orientado pelos princípios do MNCR.

2-COM RELAÇÃO AOS COMPANHEIROS(AS) DE TRABALHO ORGANIZADOS ENQUANTO BASES ORGÂNICAS DO MNCR:

- 2.1- Ser solidário a todos os catadores (as) em sua organização e crescimento.
- 2.2- Participar de atos e ações que promovam a inclusão social de catadores(as) que vivem do trabalho nas ruas e lixões
- 2.3- Respeitar e manter um relacionamento de companheirismo e solidariedade, sem discriminação, com aqueles catadores(as) que ainda não estão organizados e com os catadores moradores de rua
- 2.4- Respeitar os Pontos de Coleta dos Catadores (as) organizados e não organizados.

3-COM RELAÇÃO AS COOPERATIVAS, ASSOCIAÇÕES E BASES EM PROCESSO DE ORGANIZAÇÃO:

As Cooperativas, Associações e Grupos considerados Bases Orgânicas do MNCR devem:

- 3.1- Ser compostas e dirigidas exclusivamente por Catadores(as) de Materiais Recicláveis.
- 3.2- Basear a organização de sua atividade produtiva nos princípios do MNCR
- 3.3- Desenvolver práticas solidárias, incentivando a troca de experiências relacionadas a formas de produção, comercialização, tecnologia, modelos de administração e gestão.
- 3.4- Manter em suas sedes sociais a simbologia do Movimento Nacional dos Catadores(a) através de bandeiras, uniformes, grafite etc..

- 3.5- Manter um espaço de formação e informação para todos os Catadores(a) participantes das Bases Orgânicas para apresentar e discutir os princípios, objetivos e ações do Movimento Nacional dos Catadores no nível municipal, regional, estadual e nacional.
- 3.6- Ocupar-se com a capacitação contínua dos componentes das Bases Orgânicas, criando programas internos para sua formação política, administrativa e operacional.
- 3.7- Priorizar ingresso nas Bases Orgânicas para os catadores de lixões ou de rua em situação de exploração mediante cumprimento dos critérios de ingresso acordados com o MNCR.
- 3.8- Promover o protagonismo dos catadores de materiais recicláveis por via da ação direta na luta para conquistar direitos relativos a saúde, habitação, lazer, educação, segurança e desenvolvimento social
- 3.9- Para ingresso e permanência no MNCR os grupos interessados deverão cumprir os seguintes critérios:
 - 3.9.1- Estar de acordo com todos os itens descritos neste documento;
 - 3.9.2 -Ser avaliado pelo Comitê Regional conforme critérios do MNCR;
 - 3.9.3 -Ser aprovado pela Coordenação Estadual;
 - 3.9.4- Dar seqüência prática e submeter todas as ações da Base Orgânica aos critérios fundamentados neste documento.
 - 3.9.5- Promover ato público de lançamento da base orgânica do MNCR bem como assinar o termo de adesão e enviar cópia a secretaria estadual;

4- COM RELAÇÃO AO TRABALHO.

- 4.1 Manusear de maneira adequada e segura os materiais recicláveis nas ruas e galpões, garantindo a organização e limpeza do espaço de trabalho.
- 4.2- Estar consciente do valor e da utilidade pública dos serviços prestados pelo desempenho da sua atividade profissional, que proporciona benefícios econômicos e ambientais para toda a sociedade.
- 4.3- Zelar pela saúde e preservação ambiental evitando a prática e impedindo atos que possam comprometer ou prejudicar a vida em sociedade.
- 4.4- Não praticar qualquer ato que, direta ou indiretamente, possa prejudicar os legítimos interesses dos catadores de materiais recicláveis e classes de oprimidos em geral
- 4.5- Proceder de maneira idônea no exercício de sua atividade profissional, prevenindo acidentes, evitando situações ou exposições a riscos à saúde pessoal, familiar ou pública.

- 4.6- Comercializar os materiais recicláveis com compradores que dão um destino ambientalmente adequado aos materiais e que não se utilizem de mão de obra infantil e trabalho escravo
- 4.7- Respeitar os acordos entre os catadores das Bases Orgânicas do MNCR e grupos sobre a distribuição de pontos e áreas de coleta, levando em conta a necessidade de sobrevivência de todos e a localidade histórica e prioritária dos catadores nas regiões das cidades.

5- COM RELAÇÕES AS PARCERIAS.

5.1- Estabelecer parcerias que contribuam com a comunidade, com as Bases Orgânicas e que sejam ambientalmente responsáveis.

5.2- Estabelecer parcerias em que os parceiros se comprometam com os catadores(a) de Materiais Recicláveis através de um termo de cooperação mútua.

5.3- Ter os seguintes critérios para o estabelecimento de parcerias com universidades ou centros de pesquisa:

- 1)Atendimento aos critérios e demandas do MNCR;
- 2)Registro das informações(Bibliografia)
- 3)Retorno dos Projetos desenvolvidos às Bases Orgânicas;
- 4)Garantia do repasse de resultados às Bases Orgânicas.

5.4- Divulgar solidariamente para as Bases Orgânicas informações sobre parcerias, projetos de financiamento e novas tecnologias .

5.5-Buscar informações sobre a idoneidade e (ética) dos que propõem parcerias, sua trajetória e se estão de acordo com os conceitos e princípios do MNCR.

5.6- Garantir que entidades parceiras não venham desenvolver interferência interna nos assuntos da base orgânica, preservando a independência e auto-gestão verdadeira da organização.

5.7- não permitir o uso da imagem das bases do MNCR, bem como dos catadores individualmente para fins de propaganda das entidades, entendendo que os verdadeiros parceiros são aqueles que querem realmente apoiar sem aparecer ou usar a imagem do povo.

6- COM RELAÇÃO AS POLÍTICAS PÚBLICAS E ATOS PÚBLICOS.

6.1- Comprometer-se com a luta para o desenvolvimento e reconhecimento da categoria, participando e contribuindo nas discussões e ações do MNCR no município, estado e país

6.2- Participar das discussões para a construção de Políticas Públicas nos âmbitos Municipal, Estadual e Nacional tendo como referência a postura do Movimento Nacional de Catadores(as) expressa na Carta de Brasília, Carta de Caxias e a Declaração dos Princípios, Objetivos e Bases de Acordo do MNCR..

6.3-Criar meios para estabelecer intercâmbios e trocas de informações sobre Políticas Publicas as Bases Orgânicas promovendo uma rede de discussão e articulação entre elas.

6.4- Garantir que todo Ato Público que tenha a participação do MNCR com sua simbologia seja aprovado pela Coordenação Estadual e que as informações sejam encaminhadas à Secretaria Nacional Itinerante., a fim de legitimar a ação

6.5- As articulações de Políticas Publicas e manifestações não deverão ter ligação religiosa ou partidária garantindo a independência da classe

6.6-Garantir a unidade de ação direta das Bases Orgânicas em todos as mobilizações do MNCR

7 – CASOS NÃO PREVISTOS E DESCUMPRIMENTO DE ACORDOS CRITERIOS E PRINCÍPIOS;

7.1- Os Casos não previstos nesta base de acordo deveram ser resolvidos pela coordenação estadual do MNCR e remetidos para avaliação da comissão nacional ou equipe de articulação;

7.2- O descumprimento dos acordos estabelecidos, critérios ou ações por parte de indivíduos de bases orgânicas que afetem os princípios e objetivos do MNCR, poderão significar a suspensão temporária dos envolvidos, e a instalação de ética e/ou garantias políticas na qual deveram participar os envolvidos, a coordenação estadual e a equipe de articulação nacional.

Leituras Complementares

(Para debate e formação de grupos de estudo com militantes de base)

MERCADO DE TRABALHO E CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS.

Para começar a conversa, vamos clarear o conceito de mercado de trabalho?

Quando usamos os termos ***mercado de trabalho*** estamos nos referindo a um tipo de relação que se estabelece **entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores** em época e lugar determinados. Assim, quando o homem ou a mulher fica desempregado normalmente sai à procura de emprego no mercado de trabalho e este, por sua vez pode ou não oferecer trabalho.

Mercado de trabalho também se refere a um conjunto de pessoas e ou empresas que em época e lugar determinados, provocam o surgimento e as condições da relação estabelecida entre a **oferta de trabalho e a procura de trabalhadores**. Dessa maneira, podemos entender as diferentes situações que produzem desemprego e desempregados e, logicamente a dificuldade de receber oferta de trabalho no mercado.

Nas discussões anteriores fizemos uma releitura de diferentes fases da história do nosso Brasil e percebemos que em todos os momentos desde a invasão dos portugueses em nossa terra, os trabalhadores enfrentaram muitos desafios, muitos problemas, mas também não deixaram por menos. Souberam se organizar de diferentes maneiras para lutar e resistir aos inúmeros processos de dominação e exploração tendo em vista a conquista de direitos de cidadania.

E agora, como estamos construindo nossa história? Vamos olhar para a época que estamos vivenciando no Brasil e, mais próximos de nós, em nossas cidades.

O que lemos nos jornais, vemos na televisão, escutamos nos rádios, ouvimos de nossos vizinhos, de nossos companheiros de trabalho nas ruas e nos lixões?

DESEMPREGO! Filas quilométricas de pessoas lutando por uma vaga no mercado formal de trabalho.

Nesta circunstância instala-se uma situação de conflito. Um conflito que é vivenciado tanto na perspectiva individual, ou privada - podemos pensar nos problemas que as pessoas desempregadas enfrentam na relação consigo mesmas como: baixa auto-estima, auto-depreciação pois acham que não têm valor nenhum e, quase sempre sentem-se envergonhadas dentro de sua própria casa porque não têm condições de contribuir financeiramente com a renda familiar e, muitas vezes não têm nem o que comer.

Num contexto mais amplo o desemprego é um problema social de alta gravidade.

Aqui podemos perceber que a relação entre a oferta de trabalho e a procura de trabalhadores, ou a grande quantidade de mão-de-obra também chamada exército de reserva é, evidentemente, uma relação de conflito.

Se quisermos, no entanto aprofundar a discussão sobre a questão do trabalho, precisaremos discutir vários pontos que definem e condicionam o trabalho na sociedade moderna. Para isso, precisaríamos discutir qual é o formato e o padrão de desenvolvimento econômico e social que estão sendo conformados nesta época em que estamos inaugurando um novo século, o século vinte e um (XXI).

“Hoje vivemos uma fase de profundas transformações. Alguns a denominam de Terceira revolução Industrial e Tecnológica, com profundas transformações do ponto de vista econômico, social, político e, sobretudo, das tecnologias. Isso dificulta seriamente uma análise concreta sobre o que está ocorrendo do ponto de vista da sociedade e do trabalho. Há sinais tanto no que diz

respeito a inovações positivas com relação ao trabalho, como sinais também de regressão social. É difícil nesse momento saber qual é a tendência que vai predominar”(POCHMAN, 1997:13).

O fenômeno do desemprego é inerente à economia de mercado capitalista. Com o desemprego o trabalho precário e o uso abusivo da força de trabalho, a exploração do homem e da mulher são práticas evidentes que acontecem todos os dias.

Para entender isso é preciso pensar o seguinte: parte enorme da população em nosso país sobrevive sem oportunidade, em permanente estado de perdas sucessivas de direitos; *“é uma perda atrás da outra”*. Sobrevive sem moradia digna, sem trabalho, sem comida, sem escola, sem saúde, sem lazer, sem seguridade... sem pertencimento à cidade, sem reconhecimento enquanto sujeito de cidadania.

Portanto, vivenciando a trágica experiência da não-cidadania, da exclusão social.

Uma experiência de longa duração!

As pessoas que vivenciam essa experiência são vistas pelas instâncias de poder e por grande parte da sociedade civil como transgressoras das leis que regem nossas cidades, porque sem lugar para morar ocupam espaços públicos, prédios abandonados, construções inacabadas, praças, viadutos, entre outros; porque sem emprego enfrentam precárias condições de trabalho, nas ruas, nos lixões e, até se submetem a formas próprias de trabalho escravo em carvoarias, em grandes fazendas. São exploradas por atravessadores, aparistas, industriais, latifundiários – ricos fazendeiros. Noutras palavras, os empobrecidos trabalhadores se submetem às mais variadas formas de dominação pelos donos do dinheiro, do capital, os chamados CAPITALISTAS.

Mas, diante dos problemas sociais e, sobretudo diante do fenômeno do desemprego a sociedade reage e impõe um novo estágio de integração social.

Para entendermos melhor a capacidade de reagir que a sociedade tem, precisamos olhar nossas experiências enquanto catadores de materiais recicláveis e reconhecermos nossa potencialidade, nossa capacidade criativa de enfrentar os problemas que a economia de mercado capitalista impõe sobre nossos ombros. Além do que já fazemos, enquanto categoria⁹ trabalhadora que aumenta a cada dia nas cidades brasileiras, como vamos resistir ainda mais a esses processos de dominação?

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA

Mesmo sendo catadores, reconhecemos a noção, a idéia e identificação para aquilo que se reconhece como Brasil. Também reconhecemos e reivindicamos as diversidades entre os povos brasileiros e a dimensão continental que faz do país um sub-contidente da América Brasileira.

Igualmente nos entendemos latino-americanos, somos parte de um continente pleno de feridas, sangue e ainda esperanças. Os brasileiros são parte da América Latina, com todas as suas características e contradições. Neste pedaço do mundo, vivemos e lutamos.

Ao contrário do que a elite brasileira tenta nos fazer acreditar, não somos um povo de falsos malandros, vagabundos e covardes. Desde as primeiras flechas e tacapes lançadas contra os invasores até a última foice e facão dos sem-terra, piquetes com carrinhos e carroças viemos lutando por nossos destinos.

A invasão

Nossa história e resistência vem de 1500 quando o primeiro invasor lusitano começa a tentar conquistar as terras de Pindorama para colônia do império português. Surge aí a idéia de Brasil. Vem da devastação de nossas matas, exploração econômica e dos trabalhos forçados nosso nome. Pau-brasil era a árvore abundante na Mata Atlântica e brasileiros foram denominados os trabalhadores (eiro = trabalhador manual) do pau-brasil. Os primeiros brasileiros foram os povos indígenas. Passavam a ser “brasil-eiros” quando derrotados nas inúmeras guerras contra os invasores lusos ou aculturados e “convertidos” em escravos. Depois, a partir de 1530, os africanos, com a vinda destes trabalhadores que foram seqüestrados de seu continente, também se tornavam brasileiros. Com as capitânias hereditárias surgiram os latifúndios, a coroa portuguesa comissionava capitães-mor nestas terras do além-mar, com poderes absolutos para a vida militar, civil e econômica. Postos de vigília e comércio eram instaurados na costa, e junto com estes fortes, vinham contrabandistas e saqueadores (portugueses, franceses, ingleses, holandeses e corsários sem reino). Começaram a vir portugueses pobres - desterrados e degredados (não podemos esquecer que as terras brasileiras funcionavam como colônia penal para desterrados e criminosos) - e mais brasileiros surgem. Nasciam os “filhos da conquista”, outros brasileiros, gerados do estupro de mulheres indígenas e negras. De tanta violência e exploração vem a “típica diversidade” dos povos brasileiros.

A resistência indígena

Junto do estupro, conquista e devastação feita pelos invasores europeus, veio a resistência e a luta. No começo foi a resistência indígena, que segue até hoje. As guerras Tupinambás, Cariris, a Confederação dos Tamoios, a guerra das Missões Guaranis contra os impérios português e espanhol, dos Goitacazes, Tapuias, Charruas, Guaicurus, Aimorés e tantos outros povos, muitos já sem nenhum registro histórico. Esta luta é atual, como a dos Xavantes, Ianomâmis, Kaudiwéus, Kaingangues, Tchucarramãe, e todos os demais povos

indígenas, especialmente vivida no Centro-Oeste e na Amazônia. Os inimigos de hoje se chamam latifúndio, mineradoras, calha-norte, traficantes, madeireiras, militares, multinacionais de bio-tecnologia e Funai.

Por não poder domesticar os primeiros brasileiros ao trabalho escravo, o inimigo os chamou de “lerdos, preguiçosos, inúteis“. É certo que não queriam trabalhar para os invasores, fazer a luta de classes era fugir da lavoura e a sabotagem não derrubar nem carregar pau-brasil. Outras armas trouxe o inimigo além daquelas de guerra; a conversão à uma fé transformada em escravidão para os povos indígenas - ditos sem alma (eram considerados tão animais que nem pecado tinham), a aculturação, a destruição do meio natural e as doenças (como a tuberculose e a gripe).

Escravidão Luta negra e Palmares

Da destruição das matas passaram a violentar o solo com a mão de obra dos trabalhadores seqüestrados. Porque como sempre as elites se entendem entre si, o mercantilismo fez acordo com os reis africanos, e o escambo foi a venda de milhões de homens e mulheres. Por quase 400 anos o tráfico e a escravidão dilaceraram a costa ocidental e as regiões centrais da África, trazendo dor e desespero para o Brasil.

O inimigo de classe (então os capitães-mor, senhores de engenho e comandantes da marinha e exército da coroa) colocava os trabalhadores negros sempre em grupos de línguas diferentes - dividir para dominar, a velha fórmula das classes opressoras. Assim, a cada três afro-brasileiros, cada qual trazia seu idioma de origem e foram obrigados a aprenderem o português, e a se comunicarem no idioma do dominante. Também a fé e espiritualidade (visão de mundo) destes trabalhadores estava proibida e teve de ser disfarçada. Do disfarce da fé afro-brasileira, surgiu o sincretismo religioso, como alternativa de preservação e sobrevivência do espírito do povo oprimido. Nos engenhos, os senhores botavam seus sobrenomes como marca nos escravos e davam feijão com restos de porco para eles comerem (vem daí uma das comidas mais populares de nossa gente, a feijoada; comida dos trabalhadores negros). Obrigavam os negros a adorarem aos mesmos santos e ao mesmo Deus de seus exploradores - e óbvio, não ensinavam o cristianismo que combateu a escravidão com armas e palavras. As mais lindas mulheres negras iam trabalhar na casagrande e o inimigo as violentava. Nascendo desta curra os mulatos e mulatas, filhos do estupro das trabalhadoras por seus patrões latifundiários. Não contentes com violentar as trabalhadoras negras, os senhores de engenho chamavam os bebês, nascidos da curra, de “filhos das mulas“. O termo “mulato” vem de mais este estupro de nossa gente. Como se não bastasse, os filhos da classe dominante mamavam, literalmente, no seio do povo. As mulheres negras, quando amas-de-leite, tiravam o alimento de seus filhos e eram obrigadas a dar o peito para os filhos de quem as escravizavam.

Enquanto avançavam os engenhos de açúcar na zona da mata nordestina, no Sudeste, saíam da Vila de São Paulo de Piratininga, os saqueadores de riquezas. Munidos de bandeiras da coroa, os “bandeirantes“ levavam pequenas tropas particulares Brasil adentro, numa disputa com o império espanhol pelos territórios ainda não conquistados. Buscavam estes assassinos, ouro, diamantes, indígenas para escravizar e mulheres. Tinham à frente sempre um branco dono do saque e uma tropilha de mestiços (caboclos, mamelucos) que falavam entre si a “língua geral“, uma mistura de dois idiomas indígenas juntados pelos

conquistadores, também chamado de tupi-guarani. Este foi o principal idioma em terras brasileiras até a chegada da corte imperial portuguesa (quando esta fugiu de lá correndo, no início do século XIX). Aqueles que por duzentos anos saquearam, destruíram, estupraram e mataram - além de ajudarem a exterminar rebeliões- o inimigo de classe os considera: “bandeirantes - desbravadores, pioneiros e heróis do país“.

Óbvio que tamanha exploração não passaria em branco. Como resposta popular, os trabalhadores negros somaram outra modalidade de resistência além daquelas praticadas pelos indígenas. Surgem os quilombos, sendo o de Palmares - na Serra da Barriga, atual estado de Alagoas - o maior de todos. Aí avançamos como povo e provamos para nós mesmos que podemos conviver de igual para igual, de forma autogestionária, respeitando a diversidade e a fê de todos os segmentos de nossa gente; socializando a produção, a vida comunitária e todas as decisões relevantes. No Quilombo dos Palmares, o colonialismo e a escravidão foram derrotados pelos trabalhadores afro-brasileiros, num território livre e com o povo em armas, por mais de 100 anos! Talvez seja este o pedaço mais lindo e digno da história dos brasileiros. Os quilombolas, além da maioria negra, também contavam com brancos pobres, mestiços e indígenas. Nossa Revolução Social a traçamos aí, comprovamos que ela é possível e necessária, apontamos seus caminhos e horizontes. Da luta pela libertação negra e popular nasceu a arte marcial que viria a ser transmitida clandestinamente nas senzalas e matas, de geração para geração - a capoeira. Também tivemos exemplos de que os traidores são todos iguais não importando sua cor e origem. Exemplos da força e astúcia do inimigo de classe, que é sem dúvida poderoso e procura mil maneiras para nos escravizar. Mas, acima de tudo, exemplos da capacidade dos povos brasileiros de sermos agentes de nossos próprios destinos e de conquistarmos nossa liberdade no peito e na raça.

Trabalhadores da colônia & Inconfidência

Os quilombos foram vários, assim como as resistências indígenas. A economia da colônia se movia por ciclos. Primeiro devastaram nossas matas para pintar de vermelho as roupas dos nobres e este foi o ciclo do pau-brasil. Depois, para adoçar a boca dos ricos, dilaceraram nosso solo com o ciclo da cana-de-açúcar. Num intervalo da monocultura mercantilista, veio o ciclo do gado. Por estes tempos se fizeram sentir em todos os trabalhadores brasileiros - então já éramos negros, índios, caboclos, cafuzos, mulatos e colonos - as palavras que expressam dois dos sentimentos mais profundos de nossa gente: Sertão & Saudade. E junto destes sentidos, também Dor & Esperança.

O inimigo de classe descobre ouro por aqui, e para enriquecer aos comerciantes europeus, trazem mais escravidão e morte em nossos rios e morros. Também por esta época, do sertão e da luta pela sobrevivência, nascem os bandidos sociais. Os primeiros foram os do bando de Cabeleira, depois esse banditismo tornou-se comum no interior do Nordeste. Expressando no peito toda a revolta que só o sertanejo mais sofrido sabe sentir, suas garruchas e bacamartes cuspiam fogo e raiva - por vezes de forma indiscriminada, outras bem acertadamente pois faziam pontaria nos senhores de engenho e gado.

Com os ventos do iluminismo soprando também para o Brasil, vieram as conspirações para a independência, como a Inconfidência Mineira e a Conjuração Bahiana. Óbvio que a repressão sobrou para o único inconfidente que era do povo, alferes de cavalaria, tropeiro e que tirava os dentes podres dos escravos. Por ser abolicionista e a favor de justiça social,

esquartejaram Tiradentes. Não contentes com isso, estes mesmos que o assassinaram fizeram-no padrinho da polícia-militar - um bando de criminosos fardados pagos pelos poderosos. Se dez vidas tivesse gritou, dez vidas daria. Como só tinha uma, a deu pela causa que pensava justa e digna. Os outros inconfidentes, comerciantes mais preocupados em não pagar impostos do que com a liberdade, não deram vida nenhuma e nada mudou.

Os trabalhadores da era colonial eram escravos (da senzala e da casagrande, os músculos dos primeiros garantiam toda a riqueza de uma corja de parasitas que nada faziam como para nada servem, até os dias de hoje) mas também tropeiros, cargueiros, aguadeiros, ferreiros, caixeiros, sapateiros, oleiros (faziam tijolo nas olarias), carpinteiros, lavradores livres, pescadores, jangadeiros, alguns poucos profissionais, artesãos, vaqueiros que se espalhavam do Continente do Rio Grande de São Pedro até a foz do Amazonas passando também pelo Pantanal, carreteiros e outras profissões e ofícios. Incluindo a grande quantidade de mulheres trabalhadoras, na lavoura e na cozinha, como amas de leite, costureiras, rendeiras, rezadeiras e as que vendiam seus corpos como força de trabalho, chamadas de prostitutas.

Independência, revoltas & revoluções regionais

Veio a corte portuguesa fugindo apavorada de medo; depois fizeram a “independência” pois tinham pressa antes que algum aventureiro a fizesse. E tudo continuou como antes: os nobres tinham dois sotaques, o império brasileiro assumia para si a tradição colonial e começou a praticar por conta própria o sub-imperialismo na América do Sul. O latifúndio seguia - inaugurando então o ciclo do café, pois a elite européia queria tomar do líquido preto e devastaram nossas serras para isso. Os pobres continuavam pobres e os trabalhadores negros seguiam resistindo a escravidão.

Por ser um país novo, os diferentes grupos das elites algumas vezes não se entendiam nos projetos nacionais. Vieram revoltas pré-independência, lutas no primeiro reinado e no período da regência. Em algumas destas rebeliões, o povo (brancos pobres, indígenas, mestiços e negros) tomou a frente, fazendo destas revoltas verdadeiras revoluções populares regionais. Como fez o povo das cabanas, na Cabanagem (Pará-Amazônia) e como fizeram os balaios, na Balaiada (Maranhão). As demais foram antes de tudo revoltas de oligarquias descontentes, mas que não pensaram por duas vezes antes de derramar o sangue dos humildes para suas disputas de elite. Nestas ocasiões, mais uma vez, os trabalhadores negros em armas, se aproveitavam da situação caótica e conquistavam sua liberdade a ferro e fogo. A última destas rebeliões com traços populares, embora bastante confusa, foi a Praieira em Pernambuco. Aí, pela primeira vez no Brasil, chegaram as idéias do socialismo libertário contemporâneo, através do mutualismo.

Para acabar com as revoltas, rebeliões e revoluções populares regionais, o império do Brasil primeiro usou oficiais coloniais e tropas mercenárias de marinha. Depois, criou uma força repressora com os filhos dos nobres e latifundiários, deu-lhe o nome de Guarda Nacional, ofereceu como prêmio para sufocar as rebeliões mais terras e riquezas - além dos favores da corte - e pôs à frente destas tropas o maior contra-revolucionário da história do Brasil. No reconhecimento oficial por tantas degolas, linchamentos, prisões e execuções, o inimigo de classe deu-lhe o título de patrono do exército brasileiro. Assim, lutando contra revoltas e revoluções, nascem as forças armadas nacionais.

Império, abolição & república

Paralelo com a contra-revolução, o império e suas forças armadas praticam sub-imperialismo para roubar terras e explorar comercialmente os povos hermanos. Mais tarde, seguindo a tradição genocida, destroçam e matam a mais de dois-terços dos paraguaios. Fizeram isso a mando do império britânico, de quem as elites brasileiras eram capachas. Sem nenhum escrúpulo, como sempre, o inimigo de classe usou outra vez de braço negro para exterminar os paraguaios-guaranis.

Depois de mais uma matança, mudava o modo de produção e o inimigo supostamente se dividia em blocos oponentes. Na verdade, era apenas uma disputa entre exploradores, que culminou com a “abolição” da escravatura - sem nenhuma distribuição de renda. Um ano depois, veio um golpe de estado, e o povo que estava naquela praça, tomou um susto e nada entendeu porque que o marechal que era ministro do imperador dava vivas e proclamava a república (?!). Veio a “tal da república” e óbvio, nada mudou.

Canudos & Contestado

Enquanto na capital se tramavam golpes de estado e conspirações de palácio, no sertão da Bahia o povo brasileiro outra vez descobria seus caminhos. Inspirados por um homem de fortes palavras que dava conselhos, as gentes do interior flagelado pela seca, subiram um Belo Monte e retomaram o que nos pertence por direito: a Terra e a Liberdade. Entendendo Jesus como carpinteiro, pescador, guerrilheiro e profeta, com esta inspiração socializaram a terra, viveram em comuna e criaram um Poder Popular no inferno que era o sertão. Já que se viam ao lado de Cristo, lutaram contra o anti-cristo encarnado na república dos ricos, dos latifundiários, dos milicos positivistas e suas injustiças. Porque o sertanejo é antes de tudo um forte, a bravura dos caboclos de Canudos resistiu por 4 anos a todas as investidas do exército, polícia e jagunços. No couro, na ponta da faca, com facão e garrucha derrotaram três vezes as forças armadas. Como sempre, quando o povo se auto-organiza, luta pelo justo e vai até o fim por seus ideais. O exemplo de Canudos é tão marcante, que a ditadura militar alagou a região debaixo de uma represa para que ali não virasse lugar de romaria. Isso de nada adiantou, pois assim como Palmares, trazemos Canudos na alma!

Outra vez por Terra e Liberdade, agora numa área contestada entre os estados de Santa Catarina e Paraná, a caboclada se revoltou contra os latifundiários e a multi-nacional que construía uma ferrovia na região. Tendo a mesma idéia de Jesus que seus irmãos de Canudos, os caboclos do Contestado se armaram de espadas de madeira e foram enfrentar ao anti-cristo encarnados nas empresas, nos fazendeiros e suas malditas cercas e leis. Por outros 4 anos as forças armadas, a polícia e os jagunços - todos a soldo dos poderosos - foram derrotadas por estes sertanejos do Sul. Nas últimas campanhas da repressão para acabar com o Poder Popular que gerou a terra coletivizada, a vida em comunidade e a classe camponesa dona de seu próprio destino, os milicos usaram até de bombardeiros aéreos contra o povo em armas. De nada adianta o silêncio do poder sobre mais esta guerra popular. Assim como Palmares, Canudos e diversas outras revoluções brasileiras, trazemos o Contestado na alma!

Desenvolvimento industrial e a resistência operária

No final do século passado, abriam-se as portas das senzalas e os trabalhadores negros conheciam outra faceta do capitalismo, o sub-emprego e a miséria. Espertamente, os capitalistas e a aristocracia do país “importavam” mão de obra europeia desde o final da monarquia. A motivação era antes de mais nada racista: - “Construir uma potência branca na América do Sul” diziam eles, e depois econômica. Vieram os operários e camponeses imigrantes e outra vez mais os trabalhadores recebem a acolhida típica do país tropical: exploração a níveis desumanos.

Com estes operários imigrantes veio também a primeira carga de ideologia revolucionária das classes oprimidas. Os poderosos do Brasil, que tanto queriam mão de obra assalariada branca, não gostaram nenhum pouco do que o proletariado trazia consigo nas malas, corações e mentes. Então, apelidaram de “flor exótica” a ideologia de libertação da classe trabalhadora. A acusavam de ser uma idéia sem raízes no povo gentil, pacífico e ordeiro destas terras (obs: esta gente nunca se dá conta das asneiras e mentiras que utilizam). “Idéias de estrangeiros que não querem saber de trabalhar!” gritavam os parasitas dominantes.

Nestes tempos, o anarco sindicalismo e o sindicalismo revolucionário impulsionava a auto-organização da classe em luta, então essencialmente de origem imigrante - daí ser chamada de classe operária imigrante. Nunca nenhum movimento de massas urbano foi tão forte ! Nunca os trabalhadores brasileiros avançaram tanto em suas lutas! Nunca a classe dominante tremeu tanto de pavor!

Organizando, impulsionando e avançando a classe e o povo em luta, o movimento operário criou meios para gerar valores diferentes daqueles vividos pelos dominantes. Como movimento de massas, tínhamos um projeto popular completo para a “Emancipação dos trabalhadores que é obra dos próprios trabalhadores!”. Assim, os trabalhadores tinham seu instrumento de luta e conquista econômica (os sindicatos livres ou sindicalistas-revolucionários), de educação libertária e popular (as escolas racionalistas e as universidades do povo), de cultura de classe (os ateneus operários, bibliotecas sindicais, grupos de teatro social, bandas e liras operárias, atividades de lazer e recreação para toda a família trabalhadora), de literatura operária (com a edição e distribuição em massa de livros como A Conquista do Pão, O Salário, No Café, Germinal; e um estilo de romances e contos do proletariado), de informação (os jornais operários) e de defesa (os grupos de auto-defesa e sabotagem).

Um belo exemplo de como a companheirada brigava como povo, “porque a agressão feita a um é uma agressão feita a todos”, é o caso das operárias tecelãs. Em sua maioria mulheres jovens (a média de idade era de 14 anos), trabalhando de 12 a 16 horas por dia, um salário de miséria e em péssimas instalações industriais, cedo estas operárias perdiam qualquer esperança com a vida. Era infelizmente comum que patrões ou gerentes as enganassem com falsas promessas, arrasando ainda mais sua dignidade e auto-estima. Nesses tempos, nos meios operários, nenhum homem ou mulher, mesmo que seduzido, nem se relacionava com o inimigo de classe. A concepção era que “um patrão que seduz ou engana uma operária violenta a classe inteira!” A atitude a ser tomada era sempre de solidariedade (com a tecelã) e luta (contra a patronal). A resposta vinha de dia com piquetes, manifestações, greves e

boicotes. E por vezes à noite, quando companheiros de ação sabotavam a fábrica ou levavam a justiça dos oprimidos às últimas conseqüências.

A estratégia então utilizada era a da “ginástica revolucionária” (estica e puxa até que um dia arrebenta). Consistia em impulsionar a luta de classes num sentido profundamente anti-capitalista, dando ênfase de que em cada tarefa, por mais simples que for, se ajuda a construir um caminho da libertação proletária e popular. Os militantes funcionavam como impulsionadores da classe, sempre fomentando um estado de mobilização por reivindicações concretas. A briga era para conquistar avanços e necessidades, tanto nas questões classistas (como a jornada de 8 horas, piso salarial, melhores condições de trabalho, pelo fim das perseguições sindicais, etc.) como nas questões gerais (contra a guerra e o serviço militar, contra o alcoolismo, contra a exploração comercial da fé, contra a fome e a carestia, pela libertação da mulher). Nas lutas concretas de participação massiva os militantes forjaram, na idéia e na ação, o combate social ao sistema opressor.

Mas nada disso foi fácil ou veio de graça. A burguesia considerava que: “a questão social é um caso de polícia!” e jogava a repressão - particular e estatal - sobre nós. Eram constantes as batidas de casa em casa, perseguições aos militantes operários mais conhecidos, listas negras nas fábricas para os militantes sindicais, prisões, torturas, assassinatos e deportações. Em Roraima, fronteira com as Guianas, fizeram um campo de concentração para os anarquistas durante o governo de Bernardes, a famigerada Clevelândia. Mas, com a dignidade habitual, sapateiros, padeiros, gráficos, metalúrgicos, ferreiros, carpinteiros, pedreiros, operários têxteis, professores, comerciários, garçons, portuários, condutores e outras categorias do proletariado libertário sempre davam a resposta do povo contra a repressão da burguesia e seus lacaios: fugas da Clevelândia e de outras prisões, diversas vezes derrotamos a repressão em enfrentamentos e a patronal na luta de classes, também várias delegacias e quartéis voaram pelos ares nesses tempos.

Nas primeiras décadas do século XX, em especial nos tempos da Confederação Operária Brasileira (COB, teve seus congressos nos anos de 1906, 1913 e 1920) e das Federações Operárias estaduais - estas resisitiram até o golpe do Estado Novo em 1937-, as cidades brasileiras mais importantes estiveram em momentos de ruptura revolucionária. Por mais de uma vez cidades do porte de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Santos e outras mais caíram nas mãos do operariado. Houve também uma tentativa de insurreição, no Rio, e participamos de todos os episódios históricos até o final dos anos 30. Isto porque a função libertária era - e é - a de estarmos na primeira linha de combate popular, nunca como uma vanguarda mas sim como militantes dedicados à emancipação de nossa classe e povo.

O momento auge era quando se davam as condições para uma greve mais radicalizada. Esta greve puxava outra e mais outra até que toda a classe parava em solidariedade. Os trabalhadores tomavam e geriam os meios de produção, expulsávamos a repressão (muitas vezes a base de dinamite), os sindicatos organizavam expropriações nos grandes comércios e cuidavam da distribuição de alimentos, os jornais burgueses eram empastelados ou sabotados e nossa imprensa circulava absoluta. Era a chamada “cidade proletária”, ensaio insurrecional e de **poder popular** muitas vezes repetido. Para garantir as conquistas e negociar com a patronal e o estado, era indicado um organismo político, composto por militantes de consenso. Este organismo era denominado Comitê Operário, Conselho de Greve ou Liga de Defesa do Povo. Assim vieram as maiores conquistas da classe e do povo em luta. Com a dedicação integral e abnegada de milhares de lutadores. Companheiras e companheiros que generosamente davam o melhor de si para a mais justa das causas - o

socialismo e a liberdade -, muitas das vezes entregando suas vidas para o avanço e a emancipação popular.

Óbvio que tamanha capacidade de luta não ficaria sem resposta da burguesia e de seus aliados. No final dos anos 20, começa a ascensão da classe média no cenário político nacional, cujo melhor exemplo é o tenentismo. Na virada da década, estas camadas médias (militares, profissionais liberais, funcionários públicos de médio e alto escalão, intelectuais, pequenos e médios comerciantes, etc.) foram capitalizadas pelos marxistas e seu partido e pelos “liberais“. Para o meio operário, importaram da Itália fascista a “Carta del Lavoro“ de Mussolini, e com o apoio de pelegos esta foi implementada como Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT), surgindo junto com o Ministério do Trabalho. Até as vésperas do Estado Novo, lutavam construindo palmo a palmo o terreno sindical e popular das grandes cidades. Uma passagem marcante deste período foi quando colocaram os galinhas verdes (integralistas) para correr, debaixo de bala, da Praça da Sé em São Paulo - em 1934 e 1935. Com o golpe de 1937, foram fechados os sindicatos livres e Em 1945, quando caiu a ditadura Vargas, o pior já estava feito: a classe trabalhadora quebrada em sua ideologia, em seus organismos de luta de massas e na sua identidade e valores classistas.

Coronelismo & Cangaço

Uma outra parte das lutas e condições de vida dos oprimidos brasileiros estava no interior. Do final do século XIX até as primeiras décadas dos século XX, o latifúndio dominava os campos e o sertão através do coronelismo. Os senhores de terras, em troca de apoio ao governo central, ganhavam mais terras e também o título de coronel da Guarda Nacional. Mesmo com o final destas tropas para-militares, os coronéis seguiram existindo. A economia, religião, repressão e poder político partiam destes “donos de gado e gente“. Quando terminou a maldita guarda dos coronéis, o governo da tal da república, sempre que necessita, convoca “batalhões patrióticos“, compostos pelos latifundiários e seus jagunços. Nas guerras locais dos partidos das oligarquias do interior (como a Federalista, guerras civis gaúchas, na Chapada Diamantina, brigas entre famílias poderosas, etc.) e nas grandes revoltas (como a Coluna Prestes), estas tropas eram empregadas junto com o exército e a polícia.

No cotidiano do interior, a não ser em ocasiões como Canudos e Contestado, nosso povo encontrou em algumas regiões - em especial no sertão nordestino - formas de revolta contraditórias mas enraizadas no seio da gente simples. Os estudiosos chamam de banditismo social mas os nordestinos chamam é de cangaço. Bandos de homens armados de “coragem e bala“ infestavam o sertão dos coronéis; por vezes contando com apoio de

alguns deles, outras horas não. E sempre “botando o terror nas volantes dos macacos” (a polícia).

A burguesia, aliada dos coronéis, escandalizava-se. O povo do sertão, preferia ver seus filhos no cangaço do que passando fome, vivendo de peão ou meeiro nas terras de outros, devendo favores ou o pior, como jagunços dos latifundiários. Para os camponeses que se revoltavam, havia sempre uma cova rasa, medida com sete palmos cavados de terra, a parte cabida ao povo, no latifúndio que queria ver repartido. Sem dúvida o cangaço era a melhor opção, por necessidade e por uma questão de classe.

Populismo & Lutas camponesas

Quando terminou o Estado Novo, tanto o movimento operário como o sertão haviam mudado. No período entre duas ditaduras (em especial a partir dos anos 60), começaram as migrações para as grandes cidades (o êxodo rural) e o país começava a se industrializar. O rádio abria o caminho - junto com a aeronáutica - para a integração nacional tão sonhada pelos militares (fator que eles mesmos, vinte anos depois, iriam se aproveitar para montar as redes de televisão). Vieram as siderúrgicas, seguidas de metalúrgicas automobilísticas - por tabela, diminuía os trens e abriam-se rodovias (“governar é abrir estradas” já se dizia nos anos 20 a mando das multinacionais). Uma falsa euforia trazida pela “modernidade”(obs: o discurso do inimigo é sempre o mesmo) tomava conta do país.

A esquerda perdia seu caráter operário, classista e popular de antes e se encontrava dominada por intelectuais de classe média e seu partido. Este, mesmo quando ilegal, sempre foi tolerado. Eram os tempos de modernização e populismo, e do vexame de uma “esquerda” buscando alianças com uma tal de burguesia nacional progressista a qual o povo brasileiro nunca conheceu nem jamais ouviu falar - e que ainda se existente, é parte do inimigo de classe.

Mas como sempre, a gente simples encontrou seus caminhos, e os camponeses pela primeira vez na história do Brasil conheciam a sindicalização rural massiva. Brotavam sindicatos de trabalhadores rurais, associações de lavradores e as hoje lendárias ligas camponesas. Apesar de ter líderes populistas e uma demagógica referência de reforma e aliança de classes (era a postura dos partidos da classe média); provou-se outra vez que sempre quando a briga é boa, justa e necessária, os matutos, capiaus, compadres e comadres do interior compram esta briga.

Por mais de quinze anos, de novo os camponeses foram orgulho e esperança das classes oprimidas brasileiras. Emboscadas, tocaias, mortes encomendadas, repressão e perseguição institucional e da jagunçada. Ontem como hoje, o campo em luta é terra de ninguém. É justo reconhecer que militantes de base fizeram um grande esforço organizativo e nesse caminho, por muitas vezes deram suas vidas. Quando veio o golpe dos militares, com a derrota do populismo e seu “partido de esquerda”, a milicada, os coronéis e as empresas fizeram questão de destruir cada sindicato de trabalhadores rurais que fosse combativo. E a luta pela terra, de forma organizada, ficou adiada até surgir o MST.

Ditadura militar, estudantes & guerrilheiros

Os anos 60 entraram no Brasil pela porta dos fundos, com “a potência emergente” inaugurando sua nova capital no meio do cerrado. A obra foi feita com o cimento

transportado de avião, e por coerência política da classe dominante, se esqueceram dos candangos que construíram a cidade. Com a acirrada disputa entre o populismo e a direita golpista, nem o império yankee nem as elites brasileiras quiseram arriscar algumas reformas estruturais. Optaram pelo golpe militar - implantando um regime de endurecimento gradual. Sindicatos e movimento estudantil foram logo proibidos. Num primeiro momento, quem podia causar problemas - as bases populares organizadas - foram reprimidas e extintas, até isolarem o partido da classe média e todos os seus futuros rachas. Cheios de boa vontade, mas sem nenhuma inraizamento social, os estudantes secundaristas e universitários chamaram para si a responsabilidade de levar as bandeiras das lutas sociais dos brasileiros. Dos segmentos sociais mobilizados no início da década de 60 (soldados, religiosos, profissionais liberais, intelectuais, artistas, camponeses e estudantes) - a não ser em alguns raros momentos como as greves de Osasco -, depois do golpe foram apenas os estudantes que encararam a luta.

O inimigo necessitava de um regime forte para crescer o bolo do produto interno bruto e nunca jamais dividi-lo. Também para fazer obras faraônicas (exs: ponte Rio-Niterói, Transamazônica, dezenas de BRs, super-hidrelétricas como Carajás, Tucuruí, Itaipú e outras mais, usinas nucleares, etc.), montar a indústria bélica nacional (houve um tempo que “o país do futuro” era o quinto maior exportador de armas do mundo), criar estatais para infra-estrutura e subsídio da produção industrial privada, redes de televisão, contrair empréstimos aumentando a dívida externa, inchar as cidades expulsando gente do campo com novas monoculturas plantadas a base de agrotóxicos (como a soja, a laranja e a cana de açúcar do proálcool) - entre 1960 e 1980, 30 milhões de brasileiros saíram do campo para as cidades -, aumentar as favelas, destruir o meio ambiente (com o Incra tocando gente feito gado para o norte) e acabar com a rede do ensino público. Ainda tiveram o cinismo de chamar a tudo isso de “milagre econômico” (obs: para eles, a nossa desgraça é sua cura milagrosa). Também necessitavam de um regime forte e de terrorismo de estado para garantir o Brasil na geo-política do continente, porque “para onde vai o Brasil vai a América Latina“, e como os trabalhadores brasileiros não saíram do lugar, os hermanos latino-americanos brigaram e brigaram e não foram para canto algum.

Era fundamental que a 8ª economia do mundo fosse a pioneira da América Latina na doutrina de segurança nacional e nos órgãos de repressão especializados (os mesmos que continuam hoje: o DOPS e a criação da Polícia Federal, o antigo DOI-CODI, a OBAN, institucionalização das Polícias-Militares com suas forças de choque e as de inteligência/P2, a criação do Serviço Nacional de Informações - ex-SNI hoje Secretaria de Assuntos Estratégicos/SAE -, o DIPI(Departamento de imprensa e propaganda que controlava as manifestações culturais), os serviços de inteligência do Exército/CIE, da Marinha/CENIMAR, da Aeronáutica/CISA, as tropas especializadas em contra-insurgência - como os páraquedistas e fuzileiros, a militarização dos bombeiros, a institucionalização das super-corruptas Polícias Cíveis e as mais recentes Guardas Municipais). Partiram militares brasileiros para aprender técnicas de tortura com os gringos e depois ensinar aos gorilas dos países vizinhos. A mando das elites e do capital internacional, o regime pagou o preço de torturar os filhos da classe média para poder massacrar o povo com mais miséria e o genocídio institucional - reiniciado sistematicamente após desbaratarem os grupos guerrilheiros. O mesmo extermínio em massa vivido hoje. Mas, uma vez mais nem todos se calaram. Prestamos nossa homenagem e respeito aos companheiros de outras organizações que enfrentaram aos milicos sanguinários nas guerrilhas urbanas e rurais, em especial no

Rio, São Paulo e no Araguaia. Perdendo ou ganhando, com a tática errada ou não, tombaram de pé escrevendo com o sangue generoso dos que oferecem suas vidas, outra parte da história da libertação dos oprimidos brasileiros.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras., queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

Abertura, democracia burguesa & Movimentos Populares

Após acabarem também com as oposições formais, o regime militar inventou uma abertura que não foi outra coisa do que deixar passar. De imediato, a mesma “esquerda” dos reformistas fez coro com a milicada e pediu anistia ampla, geral e irrestrita até para os torturadores(!). O país caminhava a passos seguros e atados para longos anos de transição - onde nada saiu do lugar (como já é de costume).

Na eterna história de quem luta, no final da década de 70 o povo reencontrou seus caminhos. Diversos novos movimentos sociais surgem - de mulheres, negros, comunidades de base, ecológico, direitos indígenas - e outros ressurgem como o sindicalismo, marcado pelas greves do ABC metalúrgico e a organização do funcionalismo público. Começa a explodir o problema da população carcerárias e este imundo sistema penal. A miséria cresce nas favelas e periferias também como fruto do “milagre” e do tal bolo que cresceu mas nunca o povo comeu.

No campo, na região do alto rio Uruguai, área da fronteira do norte do Rio Grande do Sul com a Argentina, ressurgem a luta e a esperança. Nos domingos de tarde, debaixo de um pé de figueira, micros e pequenos agricultores começam a se reunir e conversar, para mudar o próprio destino. Inicia a reconquista da terra usurpada pelo latifúndio, é o nascer do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST).

O sistema ofereceu o paraíso dos conformados e uma vez mais o povo foi ludibriado por vias legalistas. Eleições para o parlamento burguês, para governos municipais e estaduais até chegar a tão esperada eleição para presidente. O que mudou? NADA! Nos empurram goela abaixo partidos pregando a colaboração entre classes, “responsáveis” burocratas sem nenhum compromisso popular e um estado de direito formal com duas leis: o código civil para os ricos e o código penal para os pobres!

Desde a lenta e gradual abertura do regime militar até os dias atuais, após mais de uma década com as regras do jogo democrático-burguês, temos o povo saturado de falsas promessas a cada quatro anos, sem perspectivas de alternativas de luta, com a pseudo-oposição sendo cúmplice e parceira do sistema (“cidadania, consumidores, contribuintes, direitos e deveres para a legalidade, tribunais da classe dominante, eleitores”) acreditando e convencendo-se das mentiras capitalistas.

É certo que nunca tivemos tantas entidades de base, onde quase todas as classes populares podem, em teoria, estarem organizadas. Também é certo, e infelizmente, que estas mesmas entidades de base nunca foram tão isoladas umas das outras, anestesiadas pelas bobagens do discurso oficial - postas de lado, como cabide eleitoral do povo enganado .

Alguns raros exemplos escapam desta triste situação, destacadamente o Movimento Sem-Terra. A companheirada do campo, abre com enxada, foice e facão os caminhos da liberdade para os oprimidos do Brasil. A luta pela terra - luta de todos - é por onde

podemos descobrir novos passos na trilha da libertação popular. E mais recentemente nós do MNCR vamos avançando contra os latifúndios urbanos, das empreiteiras e governos que controlam as ruas e os serviços de coleta e seu destino final, para construir uma verdadeira alternativa autogestionária de poder popular.

Com uma história social tão rica, plena de generosas entregas de vida e luta por parte do nosso povo, é obrigação de todos nós estarmos a altura das lutas populares brasileiras. Como força política organizada dos catadores, queremos contribuir nesse imenso mutirão para construirmos uma luta de longo prazo, brigando para termos a chance de começar um processo de Revolução Social Brasileira .

A tarefa é dura, árdua; o caminho é difícil, perigoso - mas é o único sincero e coerente, e é a caminhada da libertação de nossa gente!

A HISTÓRIA QUE FAZEMOS TODOS OS DIAS

Ao contrário do que nos tenta “ensinar” a televisão, o individualismo e o sistema, a história de um povo é o próprio povo quem a faz. Nos momentos que nos juntamos apontando um objetivo onde a maioria dos trabalhadores e oprimidos se sintam participante, aí estamos escrevendo e fazendo a história, a nossa história - protagonizando os nossos destinos. Todos os dias nós a fazemos e todos os dias nossa história e vida são roubadas pelo capitalismo assassino e seus senhores; cotidianamente tentamos contribuir para que o povo exproprie o destino que tiraram da gente.

No texto acima, sem grandes pretensões , pusemos mais que nada alguns sentimentos dos povos brasileiros - e é desta diversidade que podemos traçar um projeto de Gestão do Poder Popular. Como povo, sempre lutamos desde o primeiro minuto de nossa existência. E sempre lutaremos. Não adianta as elites tentarem nos fazer acreditar que somos “naturalmente vagabundos, palhaços, raça de vira-latas, falsos malandros (otários), pacíficos e conformados“. Somos aquilo que fazemos de nós mesmos e NOSSA HISTÓRIA comprova 500 anos de luta, vida, dor e esperança! Nesta mesma trajetória seguimos ontem, hoje e sempre.

Realçamos, é certo, partes mais marcantes da história dos oprimidos do Brasil. Também é certo que muita coisa ficou de fora. Talvez o mais profundo não tenha entrado, o cotidiano. Não o pusemos porque nós (como povo) não somos burros e sabemos muito bem as condições de vida (ou será de sobrevivência?!) que temos. Também não incluímos diversos tipos de lutas no pedaço de Brasil que antes estava além do sertão, onde nem a historiografia oficial nem a popular chegaram, passagens certamente tão fortes como desconhecidas.

Não estão nem o cotidiano nem as partes “desconhecidas” (apenas dos livros e arquivos dos opressores) somente por tentarmos adequar tempo e espaço o. Não entrou o “mais importante” simplesmente porque isso não existe (ao menos para nós). - pois todo e qualquer trabalho para contribuir na libertação de nossa gente é igualmente importante -, na história popular, tanto o cotidiano como o povo em luta são diferentes partes de um mesmo conjunto.

Uma questão prática, toda a nossa história não caberia em trabalho algum. E sabemos bem que qualquer livro, enciclopédia, arquivo, biblioteca, programa de computador, música ou canto são menores do que a vida de qualquer pessoa!

A história a fazemos todos os dias, onde quer que esteja nosso povo e cotidiano, há povo em luta. E seja onde for a luta do povo brasileiro, fazemos o possível (e por vezes tentamos também o impossível) para ajudar a construir Nossa História, num mutirão **“pela libertação popular que é obra do povo em luta auto-organizado!”**

OS TEMPOS QUE VIVEMOS

Estes tempos são duros, difíceis. De nada adianta nos iludirmos que está fácil para a população e os movimentos populares porque não está. Vivemos talvez uma das conjunturas mais árduas da história do Brasil e da América Latina. Mas o primeiro passo para tentar transformar a realidade é saber muito bem onde se pisa, conhecer profundamente o mundo real (e não o das ilusões, novelas ou do sistema legal), vivendo e sobrevivendo junto das camadas mais simples e humildes dos brasileiros.

Parecem números frios mas sabemos que são alarmantes pois cada dígito significa uma vida. Hoje somos mais de 150 milhões de brasileiros. Destes, mais de 35 milhões estão na fome e na miséria. Mais de 60 milhões de brasileiros vivem(?) com menos de 1 salário mínimo, somando um total de 80 milhões de pobres. Temos então mais de 100 milhões de seres humanos vivendo/sobrevivendo na pobreza ou desespero dentro do país. A classe média (sempre diminuindo) gira em torno de 30 milhões. Os ricos e super-ricos (que estão nos padrões acima dos ricos do primeiro mundo), são pouco menos de 10 milhões. Os 10% mais ricos acumulam mais da metade dos ganhos. É por isso que dizemos que quem trabalha não tem tempo para juntar dinheiro!

Tamanha injustiça social já foi assumida até pelos setores mais arrogantes das classes opressoras: “A pobreza no Brasil não é fenômeno de conjuntura, é estrutural” confessa o inimigo. Simplificando, a pobreza é tão brasileira quanto o samba, feijoada, capoeira, batucada e o futebol! Resumindo, desde que inventaram o Brasil (ainda quando o opressor o chamava de Terra de Santa Cruz), inventaram a pobreza e injustiça brasileira. O Brasil produz mais riquezas que toda a América Latina junta e ainda assim tem o mais baixo salário do continente. Das economias industrializadas, este país tem a mais injusta divisão de renda do mundo.

Muito desta pobreza começa quando o ensino renega a educação e o saber popular. Como esse sistema é injusto por natureza, o ensino básico é deprimente e o comum é faltarem vagas nas escolas públicas. Temos 30% de analfabetos e outros 30 % de iletrados (os que

mal dominam o idioma e nem conseguem entender o que está escrito num jornal) - e a tendência disso é aumentar .

Outra boa parte da pobreza vem da fome e da situação no campo. 1% dos proprietários rurais (nos quais incluem-se conglomerados de empresas nacionais e multinacionais) são donos de quase 50% das terras cultiváveis. Existem 12 proprietários que são donos de extensões de terras equivalentes em área a países como Alemanha, Bélgica e Suíça juntas. Algumas famílias são latifundiárias há mais de 400 anos! Uma multinacional é dona, na Amazônia, de uma área do tamanho do Rio Grande do Sul. Por outro lado, só os micros e pequenos agricultores produzem para alimentar nossa gente, e mesmo assim não tem incentivos e são expulsos de suas terras. 3 milhões e 100 mil terrenos de cultivo, dos 5 milhões existentes no Brasil, pertencem aos micro/pequenos produtores e cada um tem menos de 10 hectares de terra. Equivalem a 53% das propriedades rurais e são menos de 3%, em tamanho, do total das terras agricultáveis. Estes camponeses são os que plantam para comermos! O conceito de “produtivo” varia de acordo com a classe a qual pertencemos. O sistema capitalista considera “produtivo” as monoculturas (como a soja, café, laranja, cana, reflorestamento para celulose do papel, etc.), as queimadas, o fim das reservas extrativistas, a pecuária extensiva, a compra de terras para especulação financeira e os calotes bancários dos “produtores” rurais. Nós consideramos a essa plantação de misérias como o modo de produção rural do inimigo de classe. Daí só vem mais êxodo e migração, legiões de pessoas sem trabalho estável no campo (como os bóias-frias) e uma máquina de fome e desespero.

Felizmente boa parte dos camponeses já despertou e hoje se organizam para retomar o que é nosso. Infelizmente, o saldo do despertar é um trabalhador rural assassinado por semana na luta por terra e liberdade. Não é à toa que o Movimento Sem-Terra é o único movimento de massas que avança pelas próprias pernas - apesar de tanto sangue derramado. Por terem um projeto de sociedade que começa aqui e agora, por organizarem a classe camponesa em todos os cantos do Brasil, são uma referência e um exemplo a ser seguido.

Depois da Ditadura Militar e mais de dez anos de farsa democrático-burguesa, este sistema viciado encontrou seus meios de estabilizar a miséria. Hoje, mais de 70% dos brasileiros vivem em cidades, sendo que 1 a cada 3 se concentram nas maiores metrópoles (como São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Porto Alegre, Curitiba, Salvador, Recife, Belém, Vitória, Fortaleza, Campo Grande, etc.), além de algumas cidades pólos de micro-regiões.

É no cotidiano das grandes cidades, quando a 8ª economia do mundo demonstra seu lado mais perverso. Falta de serviços básicos (água, luz, esgoto, condições sanitárias, limpeza, transporte), insegurança nas classes populares (jogando sempre povo contra povo para aumentar a guerra entre os pobres), trabalho, saúde, lazer e educação. Ao contrário de algumas outras economias do continente, o desemprego/sub-emprego (assim como a pobreza) são estruturais - ou seja, mesmo no período escravista já tinha muita gente vivendo de bicos. Nas ruas brasileiras, a economia informal é saída para o desemprego e evita o aumento da criminalidade. Mesmo assim os governos locais fazem questão de reprimir estes trabalhadores e “limpar as ruas”.

Seguindo esta filosofia, limpam as ruas matando nossa gente, os filhos do povo chamados de meninos e meninas de rua, moradores de rua e catadores. Esquadrões de policiais, comerciantes e traficantes matam crianças e idosos que eles mesmos jogaram nas calçadas, debaixo de marquises e viadutos. Temos uma imensa camada da população brasileira funcionando como uma eterna “fábrica” de crianças de rua - aí falta tudo, inclusive a auto-estima, degradada todos os dias pelos meios de comunicação. Outra resposta dos opressores

é a esterilização em massa de mulheres pobres (obs: com isso devem querer cortar o “mal” - nós - pela raiz).

No campo da repressão institucional e para-policial, o país vai muito bem, com alto índice de “produtividade“. Temos arapongas e assassinos com fardas de todas as cores e também sem farda. A violência urbana é o antídoto para que os brasileiros não comecem a dar tiros para o lado certo, acertando nesta elite nojenta, seus aliados, lacaios e cães de guarda. Nas favelas e periferias, a vida vale uma garrafa de cerveja ou de cachaça, um acerto de contas, dívidas de favores ou pura bestialidade. Quando não é por nada disso, vem sempre uma bala perdida para levar mais um brasileiro - profissional da esperança - para o inferno. Se estas balas acertam onde não devem - zonas de classe média ou alta - os meios de comunicação fazem escândalos; se matam outro favelado, não falam nada.

Não por uma triste coincidência, a maioria dos pobres, miseráveis, analfabetos, iletrados, presidiários, trabalhadores recebendo salário mínimo, marginalizados são negros/afro-brasileiros. Somos mais de 80 milhões de negros, a segunda maior população de origem africana do mundo! Esta parcela majoritária do nosso povo construiu o país nas costas marcadas, viu suas filhas serem estupradas pelos senhores de escravos, sua fé e cultura proibidas ou apropriadas, sua auto-estima ser quase destruída. O esquema das elites nesse caso é simples: o que for de origem afro e bom (para os opressores) é considerado nacional, o que for ruim, é ilegal! Gradativamente os dominantes foram se apropriando de tudo construído do suor e criatividade dos trabalhadores negros, mas sempre houve e haverá resistência. Tentam nos enganar dizendo que vivemos numa democracia racial, os reformistas falam de superar a discriminação mas nós dizemos que temos é de acabar com a dominação (de classe e de etnia). Com os negros se libertando estará aí a caminhada da libertação de todos os oprimidos brasileiros, e por isso mesmo esta é uma luta de todos!

Ônibus lotados e trens caindo aos pedaços carregam diariamente - como para o abate - a maioria dos habitantes do país com mais televisões que geladeiras. O controle da comunicação - onde 9 famílias detém mais de 80% dos veículos de massa e a rede Globo cobre 98% do território nacional - foi cuidadosamente implementado pelos militares. Nos bombardeiam com besteiras e mensagens individualistas (tipo: “você tem de vencer, o mundo é dos vencedores, seja também um sucesso” e outras babaquices infestadas de valores das classes dominantes), tentam nos bestializar sofrendo os “dramas” dos ricos nas novelas e fazem um esforço monstruoso para arrasarem com nossas identidades e características regionais. Vez por outra, um novo escândalo de corrupção aparece no noticiário. Depois estréia outra novela e todo mundo “esquece“ o quanto nos roubaram de novo (obs: puro engano quem pensa que o povo se esquece, puro engano). Com a mídia impressa (jornais e revistas) não é diferente. Para o brasileiro que não vive sem rádio, cotidianamente os donos das transmissoras o tentam idiotizar. De olho nas novas tecnologias de comunicação, o monopólio já cai em cima de mais esta presa.

Desgraças mil poderíamos citar. Falsidades também, como a indústria da seca, as obras públicas feitas pelas empreiteiras, a corrupção desenfreada, o estado brasileiro é um loteamento das elites e multi-nacionais sangue-sugas - enquanto o salário mínimo cada vez compra menos. Dizem que tem de se desfazer das estatais para desafogar as contas públicas. Mentira! Vendem a preço de banana o patrimônio da classe trabalhadora porque assim mandam os senhores do FMI, Banco Mundial e GATT. Agilizar a máquina do estado e modernizar a economia são as palavras dos tecnocratas. Isso na carne significa milhões de trabalhadores públicos e privados no olho da rua - e também mais miséria, desespero e

chacinas. São os tempos neo-liberais, da restauração burguesa babando de ódio quando destrói conquistas históricas dos trabalhadores.

Na última fronteira, no sertão que falta cercar, tocam gente igual a gado para o norte. A Amazônia virou um faroeste caboclo onde quase todo mundo perde e pouquíssimos ganham (madeireiras, mineradoras, grandes traficantes, tudo vinculado a multinacionais e oligarquias da região). O meio ambiente, a floresta e seus habitantes - caboclos, indígenas, seringueiros, agricultores, pescadores e até garimpeiros - vão sendo dizimados.

Ainda temos parte do povo escravizado, como nas zonas carvoeiras, exploração do trabalho infantil, tráfico de mulheres e de crianças e um altíssimo número de prostituição infantil .

As mulheres são a maioria da população. Por trás de uma suposta independência (onde o máximo que existe é uma nova classe composta de mulheres exploradoras) seguem a dominação machista e o sexismo. Os salários das mulheres são mais baixos, a repressão da patronal contra gestantes e mães (falta creches para as trabalhadoras deixarem seus filhos), a exploração como objeto sexual (o corpo da mulher como um artigo de consumo) e a dupla jornada de trabalho. Vemos talvez a maior categoria trabalhadora brasileira, as empregadas domésticas (fixas ou diaristas), com toda sua vida atrelada à família do patrão. Sonham os sonhos dos milionários das novelas, tem sua auto-estima agredida todos os dias (por vezes, recordando o escravismo, os filhos dos donos da casa, ou o próprio dono, as usam como iniciação ou objeto sexual) e quase nenhum direito (a maioria nem carteira assinada tem). São ensinadas a pensarem que “a patroa é boa para mim pois me considera como se fosse da família(!?)”. Não por outra triste coincidência, a maioria das domésticas são negras ou migrantes. Domésticas, serventes, faxineiras, camponesas, secretárias e mulheres com o destino marcado, são a maioria das mães solteiras. Além disso, seguem as abomináveis violências contra a mulher, como o estupro e o espancamento. Por mais que o sistema dê algumas migalhas estas nunca alcançam nem podem satisfazer. A satisfação está quando mais e mais mulheres participam dos movimentos populares, lutando em coletivo para se libertarem da opressão milenar e nesse processo ajudam a transformar a toda a sociedade.

Uma das verdades mais duras, é que o Brasil ainda é um país marcado pelo escravismo. De forma direta e indireta. Estão aí os salários de miséria, centrais sindicais pelegas ou reformistas (cúmplices do fascismo-corporativismo sindical, aceitando o imposto sindical, a CLT, os tribunais trabalhistas - que sempre julgam as greves ilegítimas e ilegais - e reconhecendo os sindicatos oficiais), um monte de gente pobre com cabeça de capitão-domato (sentindo ódio dos irmãos de sina, incorporando os valores e os “doços” sentimentos dos senhores), uma minoria que faz o que quer e tem cabeça e atitudes de “sinhô” (esse é o ditado, “manda quem pode e obedece quem tem juízo”) e uma maldita noção de que “todos contribuimos para construir o Brasil” (obs: seria a hora de perguntar:- Todos quem?! Quem estuprou e chacinou ou os filhos da conquista?!). Mais, estão aí as portas dos fundos, escadas e elevadores de serviço e os quartos de empregada; fisicamente nos dizem quais são os lugares destinados ao povo trabalhador brasileiro. O que esta corja que nos domina sabe bastante bem, e muito melhor que nós, é que quando “essa gente bronzada mostra seu valor e toda sua dor”, é quase impossível deles nos segurarem. Das senzalas modernas, com todos seus feitores, cagüetas, traíras, jagunços e senhores, se fizermos bem a nossa parte, como povo temos a chance de nos libertar de suas correntes e chibatadas.

Por parte das elites, estão em outro modelo acumulativo. Encheram o país de dívida externa contraída para grandes obras (e o povo que paga a conta), sufocaram a economia com inflação (eles lucravam na ciranda financeira, e nós?) e faz uns tempos resolveram estabilizar a miséria. O mercado regional da América do Sul, iniciado pelo Mercosul, vai

se expandindo. Os 40 milhões de consumidores brasileiros, talvez num primeiro momento, aumentem um pouco com a expansão do mercado de baixa renda. Mas todos sabemos que no projeto de integração de mercados não está um prato de arroz e feijão nem três refeições por dia no estômago de nossa gente.

Mas isso para eles pouco importa. A única elite latino-americana com potencial expansionista se anima outra vez. É como no sub-imperialismo do segundo reinado, vem de novo toda a baboseira do Brasil Grande, país do futuro, líder e potência regional, fator fundamental na geo-política da América Latina como dizem os milicos. Só que agora nosso povo não acredita nos enganos tipo “ameo-o ou deixe-o, moro num país que vai prá frente, todos juntos vamos” e outras palhaçadas do gênero nacional-ufanista. Nada disso funciona mais! Sabemos que a imensa maioria dos brasileiros e hermanos do continente não estão no projeto de integração regional de mercados. Ou buscamos nossa própria saída, ou vamos pelo ralo.

É aí que outra vez vemos nosso povo sem uma esquerda a altura das lutas sociais brasileiras. Seria injusto citar este ou aquele partido pois quase todas correntes desta “esquerda” afundam numa medíocre e vergonhosa cumplicidade com este sistema assassino. Pouco nos importa a babaquice de tentar ser feliz a cada 4 anos! Sabemos que ainda tem muita gente disposta nas bases de todos os movimentos sindicais e populares e milhões e milhões de oprimidos brasileiros para entrar na luta. É esta a Esquerda que nos interessa. Esta é a companheirada da militância sincera, dedicada e disposta. E só contamos uns com os outros .

Como força organizada dos catadores, nos somamos aos companheiros e companheiras dos demais Movimentos Populares. Lado a lado com nossa gente, sempre. Para conquistar nossos objetivos específicos, mas também terra, trabalho, moradia, saúde, educação, lazer, vida comunitária, dignidade e auto-estima. Para podermos, numa luta de longo prazo, ter a chance de tomar nossas vidas e destinos nas mãos, temos de escrever Nossa História com:

**A mão estendida e os braços abertos aos companheiros
&
O punho fechado para golpear o inimigo!!!**

Proposta de trabalho: considerando o documento acima, a necessidade de aprofundar nossos conhecimentos sobre nossa verdadeira história e seu reflexo na sociedade em que vivemos, desenvolva em grupo com militantes mais próximos de sua base e região as questões abaixo **(na cartilha de formação pg. 18 à 47)**:

1º - Ler o texto parte por parte;

2º - Quais os sinais de resistência do povo em cada período histórico, suas práticas de luta, desde a época da invasão portuguesa e espanhola até os tempos atuais?

3º - Quais as conquistas obtidas pelo povo com a luta do passado?

4º - Qual a relação destas lutas com as lutas do MNCR hoje?

5º - O que o sistema capitalista ao longo da história fez para chegarmos a situação dos tempos em que vivemos hoje?

6º - Quem controla, manda e domina na sociedade em que vivemos hoje?

7º - E quais são os mecanismos utilizados para controlar e dominar a sociedade em que vivemos?

8º - Formule um texto com as idéias que foram discutidas em grupo com os companheiros., e traga para ser apresentada no próximo encontro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASIA, Carla. Da escravidão aos desafios da economia globalizada. Estado de Minas. Redescobrimo o Brasil. S/D.

ALENCAR, Francisco; CARPI, Lúcia & RIBEIRO, Marcos Venício. História da Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A. 1979.

CHIAVENATO, Júlio José. As lutas do povo brasileiro: Do "Descobrimento" a Canudos. São Paulo: Moderna, 1988.

BEACLINE, Bruno Lima. Luta e organização-PCAB. 1995.

ALGUMAS MÚSICAS PARA A CELEBRAÇÃO DA MÍSTICA

01- XOTE DA MARCHA DO POVO

Quem sabe andar
Nessa rua vai em frente
Pois atrás é que vem gente
Diz o dito popular

E quem caminha
Na linha da esperança
Arrasta o pé
Balança a trança
Na dança de se chegar

**A quem diga olé olé
Olé Olá
Catador de norte a sul
E de acolá
Nesta marcha sem parar
Caminhar é resistir
E se unir é um reciclar**

Ninguém segura
Essa gente que trabalha
Que grita e fala
Querendo anunciar
Que é possível a luz de novo dia
Em que a nossa alegria
Possa se concretizar

Povo da rua
Não é do mundo da lua
É a vontade nua e crua
É o desejo de um lar
Que assegure vida e dignidade
Rumo de prosperidade
E o direito de sonhar

02. AXÉ

Irá chegar um novo dia, um novo céu, uma
Nova terra, um novo mar.
E neste dia os oprimidos numa só voz a liberdade irão cantar

Na nova terra o negro não vai ter corrente,
O nosso índio vai ser visto como gente
Na nova terra o negro, o índio e o mulato,
O branco e todos vão comer no mesmo prato.

03. UTOPIA

Quando o dia da paz renascer,
Quando o sol da esperança brilhar,
Eu vou cantar!

Quando o povo nas ruas sorrir,
E a roseira de novo florir,
Eu vou cantar!

Quando as cercas caírem no chão,
Quando as mesas se encherem de pão,
Eu vou cantar!

Quando os muros que cercam os jardins,
Destruídos, então, os jasmims vão perfumar

**Vai ser tão bonito se ouvir a canção,
Cantada de novo,
No olhar do homem a certeza do irmão,
Reinado do povo.**

Quando as armas da destruição,
Destruídas em cada nação,
Eu vou sonhar!

Eu o decreto que encerra a opressão,
Assinado só no coração, vai triunfar.

Quando a voz da verdade se ouvir,
E a mentira não mais existir,
Será enfim, tempo novo de eterna justiça,
Sem mais ódio, sem sangue ou cobiça,
Vai ser assim.

04. OS MENINOS EM VOLTA DA FOGUEIRA

Os meninos em volta da fogueira
Vão aprender coisas de sonho e de verdade
Vão perceber como se ganha uma bandeira
E vão saber o que custou a liberdade.
Palavras são palavras, não são trovas,
Palavras desse tempo sempre novo
Lá os meninos aprenderam coisas novas...
E até já dizem que as estrelas são do povo (bis)

Já que os homens permanecem lá no alto
Com suas contas engraçadas de somar
Não se aproximam das favelas nem dos campos
E têm medo de tudo o que é popular. (bis)

Mas os meninos desse continente novo
Hão de saber fazer história e ensinar (bis).

05. CANTO DE RESISTENCIA POPULAR

A história são os pobres que a fazem
A vitória esta na mão de quem peleia,
Nossa gente tão cansada de sofrer
Vamos juntos descobrir o que fazer,

Se o governo e os patrões só nos oprimem
Acumulando riqueza e poder

Ação direta é a arma que nós temos

Pra fazer justiça pra viver (2x)

Povo na rua pra resistir e pra lutar

Povo que avança para o poder popular (2x)

06. PASSANDO A RASTEIRA NOS ÔME

Tamo cansado dessa vida de amargura
Ferro- velho e prefeitura querendo nos dominar
Levando fardo de cem quilo nas paleta
E o doutor com as suas canetas com mais leis pra nos ferrar

O catador sabe que tem um movimento
Que prepara o enfrentamento para o poder popular
Auto-gestão da cadeia produtiva
Ação direta todo dia pro socialismo alcançar

Vem catador
Pro movimento organizado
Pois unidos ficamos fortes
E não seremos mais explorados
Vem catador recuperar a dignidade
Lutando pra construir
o socialismo com liberdade!

Sou catador e sempre vivo num sufoco
Quando chove como pouco
E no verão só passo mal
Mas eu me ligo prefeitura e ferro-velho
Nos querem ver num cemitério
Ou numa cama de hospital

Separo tudo que encontro na minha mesa
Eu reciclo a natureza sem patrão pra nos mandar
Organizado eu tempero a rebeldia
E quando eu vejo a burguesia sei que é hora de lutar